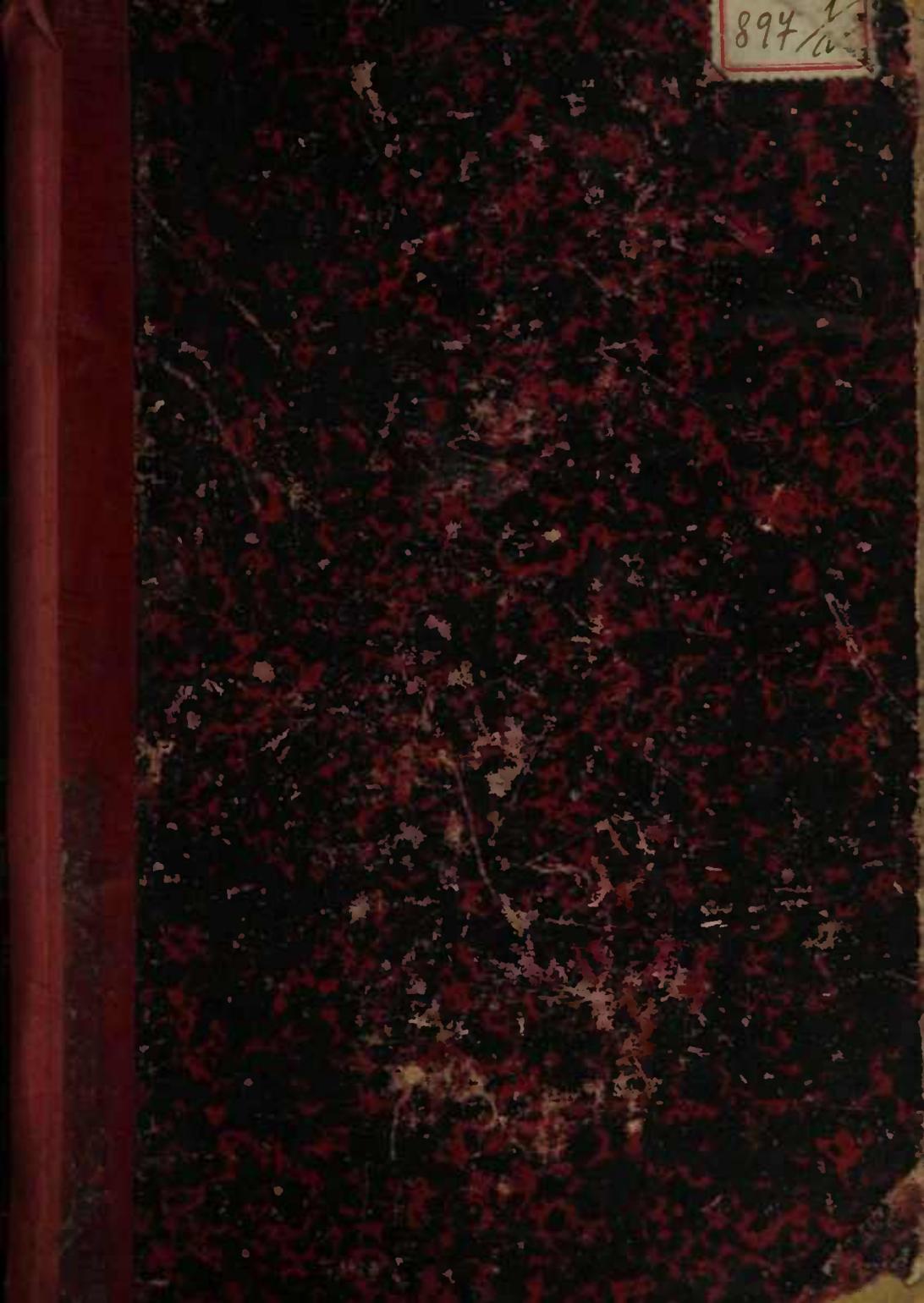


897/a



ESTRELLAS ERRANTES

VERSOS

POR

F. QUIRINO DOS SANTOS



SEGUNDA EDIÇÃO MUITO AUGMENTADA



CAMPINAS



Typographia da «Gazeta de Campinas»

64—RUA LUZITANA—64



1876

PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Estes versos podiam ter sido feitos, sem pretensão alguma, sem desejo nenhum para satisfazer a vaidade, em horas de recolhimento intimo, na contemplação silenciosa da natureza, ou debaixo do incanto suave de dois olhos lindos, lindos que se estão a perder no tremor convulsivo da paixão :— de manhã, quando o sol sorprehende as gotas de chuva nas petalas mimosas das flores ; alto dia quando as azas doiradas dos insectos se enlaçam pelas folhas do arvoredado ; de tarde quando os raios amortecidos do crepusculo se despenham pela quebrada das montanhas e vão apparecendo na amplidão essas chammas pequeninas que não se vêem sempre no mesmo lugar, que não têm morada certa no céu ; ou mesmo de noite quando surgem no horisonte os fogos fatuos da visão !

Podiam ter sido assim compostos, no momento em que a imaginação delira e tudo isso derrama no peito—amor, esperança e saudade !

Saudade, esperança, amor ! o que são todas essas cousas n'este mundo, senão *estrellas errantes*, vagas, indefinidas que Deus deixou cahir de si á terra, estrellas que ás vezes nos doiram o coração com o seu fulgor esplendido e que outras muitas fogem tanto que a alma se desespera n'um esforço baldado por não as poder alcançar mais com a sua vista mortal!...

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Dei á estampa, ha doze annos, os meus primeiros versos.

A critica recebeu-me, em ambos os paizes onde se falla a lingua portugueza, com excessiva benevolencia. Os exemplares do livro esgotaram-se immediatamente.

Vendo-me assim lisongeadado com o acolhimento do publico e com o favor dos escriptores esclarecidos, entretanto não pude, senão agora, tractar da reimpressão destes pobres e rapidos cantos.

Não sei se posso chamar isto uma segunda edição. Este volume, com o mesmo titulo do outro, é maior em mais que o dobro. Apresento muitas composições novas de par e de mistura com as antigas, sem ordem e sem systema algum na collocação. Nas primeiras corriji muito pouco e modifiquei quasi nada : prendia-me o culto da saudade áquellas fórmas grosseiras, mas singellas e espontaneas como as folhas da floresta virgem. Desbastei somente os erros mais imperdoaveis e um ou outro descuido de metrificação, parecendo-me que alguns defeitos em que fez reparo um illustre critico, se não desapareceram de todo, foram pelo menos muito attenuados.

Quanto ás ultimas, é que eu tinha de certo a obrigação de attentar mais nellas. As circumstancias da existencia, não se compadecem, porém, nem com o meu desejo, nem

IV

com o meu dever a este respeito. E por isso mesmo ficariam ellas ainda por ahi a empoeirar nas gavetas ou nas columnas da imprensa periodica, se não se houvesse dado um facto todo casual para hoje verem a luz.

Estava eu na Córte em Janeiro do anno findo. Passeavamos meus irmãos Luiz, Thomaz, Manoel, Hyppolito e eu, uma noite de esplendido luar por aquelle magnifico arrabalde das Larangeiras. Alli tratou-se de litteratura, e conversamos até alta hora. Quando nos recolhemos havia eu deixado escapar uma promessa.

Aqui vai o cumprimento della.

Vêem, pois, que ainda me não desenganei dos versos. Tenho para mim que, se elles se podessem perder entre os rumores multiformes deste seculo material, o que é impossivel já agora, teriam mesmo ao desaparecerem um valor inapreciavel: era o de conservarem no individuo aquelle raio intangivel que se prende á humanidade pelo amor e que se prende igualmente ao infinito pela esperanza.

Eis ahi porque um homem a quem a idade abriu já os olhos da rasão para ver-se qual é, na consciencia, e para imaginar-se qual devêra ser, no rosto do seu proximo, volta-se ainda aos sonhos doirados com a intima ingenuidade das almas robustecidas entre a coragem e as convicções profundas.

Leve-se-lhe á conta do muito crer o pouco de illusões que o sol da vida não conseguiu ainda esbater-lhe na passagem.

ESTRELLAS ERRANTES

A vida

Eil-a a estação gentil! E' elle, oh natureza!
Setembro o terno mez iufumaçado já:
Cantos por todo o ar! modilhos na deveza!
A rispida araponga, o meigo sabiá!

Accorda! accorda oh bella! oh primavera, estende
Os braços semi-nús e o ninho deixa emfim:
Aos brilhos da queimada um teu olhar accende
Entre os lençóes de fumo—estrellas de rubim!

Ergueu-se! e ainda a rever o enorme villipendio,
Que o frio ao monte e ao val em seus estragos fez,
As dobras do sendal, onde dormira o incendio,
Abrindo alegre e a rir, acolhe o ingenuo mez.

E em bandos a crescer a multidão enceta
O gyro seu ao réz d'umbriferos covis :
O timido veado, a onça anachoreta,
E em atomos de luz crysalidas subtis.

Por entre as algas vae, ás nympheas se agarra
A provida formiga, aventureira audaz,
E avança, sem temer as vaias da cigarra,
Em frigidis marneis o seu gyro sagaz.

Então em voltas mil as cupulas de verde
Elevam-se a vestir os vastos cipoaes ;
Rede que fez o inverno e pesaroso perde
Para hymeneu do orvalho e as folhas virginaes.

Os ramos vão de par e a ousada trepadeira
Os galhos collossaes em laços abranger,
E, como ampla cortina, as flechas da palmeira
Em franjas de esmeralda ao templo suspender;

Ao templo em que o prazer, o murmurio, o bulicio,
A vertigem do amor envolve a criação,
Entreabrindo ao fulgor de um pallido resquicio
Aos impetos do ser—a vida ! a immensidão !

Desde o penhasco aonde em thronos de basalto
O tremulo condor erguido ao ar fluctua,
Até aos boqueirões em que de sobresalto
O riacho opprimido e a fria larva estúa,

A festa! a festa, oli Deus! o mundo exalça e agita!
A terra, a agua, o céu raios loiros a flux,
Parecem ir beber á lampada infinita,
A'quelle immenso amor que une o espaço á luz!

Beijam-se as aves já, prende-as febril aneio!...
E' a espessura o leito, as flores são o véu!...
Que doce tintinar! que suave gorgeio!
Ai lindo céu de amor! ai fundo amor do céu!

Côres da primavera! oh côres encantadas!
Perfumes d'amplidão que inda passaes por mim!
Sombras que o sol abraça em ancias namoradas
E doidas de o fugir abraçam-no por fim;

Longinquo sussurrar das vozes do deserto,
Em harpas immortaes que vibra incerta mão ;
Notas que o vento exhala e eleva ao longe e ao perto,
Sonhos d'almo sorrir em languida afflicção ;

Imagens que o porvir em nitido sacrario
Ergueis doirando o umbral á dôr que espera e crê,
Aos paços em que é véu esplendido sudario
E degráus a esperança, a caridade e a fé ;

Ao pallido clarão da minha atroz saudade
Na estrada que deixei brilhaes como aureo pó !
De tanto coração, de tanta mocidade
Em laminas sem côr um grão de areia só !

Aqui !... era bem esta a solitaria cava
As brenhas que eu amei correndo a noite e o dia :
Tendo sempre um adeus a tudo que passava !
Tendo um hymno de amor a tudo que morria !

Ao manto da saudade abrindo a nevoa extensa,
Eu sinto no meu peito a vida resurgir :
Ancia, prece que vae, n'uma supplica immensa,
Das cinzas do passado ás trevas do porvir !

Ai ! se eu pudesse ao vago em que o olhar se cança
E, disco d'oiro, quer fundir-se no esplendor,
Subir ! subir ! subir ! como sóbe a esperança
Aos seios do infinito em canticos de amor !...

Aves sorri, correi, esplendida cohorte !
A's arvores da serra, ás cannas do paul !
Arroja-te minha alma ! alma cede ao transporte !
E voa ás amplidões, aos páramos d'azul !

I

O raio

.....urendo claresc
TACITO.

Fulmineo, roto, em chamma
O disco do horisonte,
Por entre o val e o monte,
Sinistro albor derrama!

A lava ardente, informe
Surgiu na alta cratera!
O insecto, a ave, a fera,
Tudo se acoita e dorme!

N'um rapido desmaio
O ar tremeu ! Distende-o,
Em seu medonho incendio,
A furia, a morte, o raio !

Estruge, rompe, abala
As nuvens que illumina !
O espaço—vasta ruina !
Ao seu rugido estala !

E brame e ronca afflicto !
E rola e salta e logo,
Por entre anneis de fogo,
A's raias do infinito,

O plumbeo céu descerra !
E espelha os sóes profundos
Das abas de outros mundos
Ao tremedal da terra!...

Salve, Poder ! resumo
Da incomparavel Força !
Meu ser em vão se esforça
Por comprehender-te o rumo !

Inda que, oh luz, tu corres
O teu longinquo trilho,
Eu sinto em mim teu brilho !
Como eu, tambem não morres !

Como eu que vejo imbelle,
Nesta ancia que me opprime,
Um impeto sublime
Que o—nada—em mim repelle.

Tu vais de astro em astro
Aos paramos extensos,
Deixando em globos densos
A fórma do teu rastro !

Tu és o estranho laço,
A grande e rubra teia
Que une á vida a ideia,
E a vista ao verme escasso !

Tu és a ampla cortina
A face do Universo,
Que envolve em aureo berço,
A creação divina !

Tu és a enorme lente
Da alma e do sentido,
Que o atomo perdido
A Deus torna patente !

Mysterio—sonho intenso
Da frente do Senhor,
Do eterno seio immenso
Tu és o immenso amor !

II

Quien ama no vive

Quando em teus olhos scintilla
Por entre a negra pupilla,
Essa luz vivida e pura
Que nos meus se vem cravar,
Não sentes um vago incerto
Palpitar pela ventura
Que tanto mais desaparece
Quanto mais nos vemos perto ?
Oh! nesse eterno aspirar
Das sombras ao eterno gozo,
Não vês que vae-se o repouso,
Que toda a vida estremece?...
Quando estás longe de mim,

Nessa saudade infinita
Que os seios dilata, agita
N'um sonho meigo sem fim ;
Quando tudo se illumina
De um raio vital na terra ;
Quando o sol no adeus se inclina,
Ligando no mesmo abraço
As nuvensinhas doiradas
E as penedias da serra ;
Lançando a vista no espaço,
No azul que separa o monte
D'entre as brumas do horisonte ;
Com o teu morbido olhar,
Buscando ancioso o esplendor
Que se morre além do mar,
Por ter avistado a imagem
De alguma etherea visão
No quasi extincto fulgor,—
Mas que esvai-se na passagem
Do importuno turbilhão ;
Não julgas sentir a vida
Exhausta quasi, perdida,
No desvairado debate
D'esse lutar da razão,
Contra a materia que abate
O amor ao limbo da treva
E o espirito que o eleva
Ao ideal do prazer ?...
Pois isto assim é viver ?!

Maio de 1863.

III

Horas de luz

Que noite aquella de incontradas scenas!
Como ainda me correm na lembrança
De tanto susto as lancinantes penas
Que a minha exhausta mente flagelavam
Da horrivel incerteza nos martyrios!
 Era a noite da sp'rança
Que de ha muito meus olhos divisavam
 Entre os vagos delirios
De uma cega paixão, fatal, sem termo,
Quando ella abraça e opprime o peito infermo.

Era a noite de um baile. Os doidos pares
Gyravam junto a nós na tropelia
Da ridente folia.
Quantas juras se davam nos olhares!
Que de amores nasciam,
E quantos não morriam
No abandono e no tédio do canção!...

Tu firmada em meu braço
Como triste e calada caminhavas!
Mal, a furto me olhavas!
Tinhas na frente o emblema do despeito
Entre rosas e lyrios estampado.
Teu olhar magoado,
Teu riso contrafeito,
O compassado aneio
Que te agitava o seio,
Oh! não podiam, não! mentir nessa hora,
Não podiam velar o teu desgosto:
Póde a gente occultar a dor no rosto
Se o coração lhe chora?!

Eu triste, eu sem tino, eu já perdido,
Sem saber o motivo estranho, occulto
De tamanha mudança,
Eu dizia commigo:—se não ama
Porque me fez nascer tanta esperança?

Porque me accendeu n'alma a dura chamma,
Que te mais voraz agora ainda se inflamma ?
Soltaste um flebil ai, tão comprimido
Que par'ceu-me trazer o teu indulto.

Chegamo-nos depois a uma jauella.
Escuro estava o céu, tristonha a noite ;
 Nem arvores gemiam
 Do vento ao frio açoite,
 Nem lá no ar se viam
Os desmaiados raios de uma estrella.
 E eu quasi prostrado
Com força te apertava a cincta airosa ;
 Meu olhar desvairado
Buscava adivinhar no teu semblante
O que tihas na mente fervorosa.
 Do soluço arquejante
Deslaçaram-se então não sei que phrases
 De lastimosa queixa !
 Assim talvez a endeixa,
Que a rola da floresta ao vento sóta,
Tem o afflicto pungir, quando não volta
O esposo que foi ter a mãos fallazes !

Teus olhos pouco e pouco se animaram
D'aquelle fogo esplendido e divino,
 Que ao rosto purpurino

Subito eleva em labareda o pejo;
Teus seios ondulantes palpitarão
Como accezos em tumido transporte
 De expandir um desejo!...
 Era a lucta cançada
Entre a cólera immensa concentrada
E inda maior o affecto, inda mais forte!
 E, como na mesma haste
Abre o botão e pende a flor myrrada,
Ostentavas em vivido contraste,
No gesto mudo—altiva magestade
E no morbido olhar—a piedade!

Tu fallaste por fim! magicas fallas,
Que eu bebia em tua bocca palpitante
 Qual bebe o viajante,
Nos effluvios subtis da calma sésta
 O perfume da fraga
Onde a casa avistou risonha, magal
 Já perto pelas salas
 Ia o termo da festa,
E nós entregues a um sentir profundo,
Esquecemos nessa hora a todo o mundo!

Tu me disseste então que eu já não tinha
Em meu peito trahidor uma só veia
Que pulsasse por ti de amor siucero,

Que outros laços, emfim nova cadeia
A' *outra* subjeitava a vida minha!
E teu labio severo,
Disse um nome indistincto ao meu ouvido!
O que eu disse não sei!... mais que um gemido
Não foi, oh Deus! por certo.

Vi! oh! vi, nessa hora, que innundavam
O teu olhar tambem grossas correntes
De lagrimas que as vózes te embargavam!
Vi teu vulto coberto
De um estranho fulgor, de um brilho intenso
Como esse que ha de estar de Deus na face,
Quando os olhos clementes
A'lgum delicto immenso,
Inclinar piedoso,
Ou quando bouançoso
Vir o justò que em paz no céu entrasse!

Tu leste em meu semblante
Toda a innocencia que me estava n'alma;
E o ciume fatal, naquelle instante,
Desfez-se em ancias de amorosos prantos.
Dois triumphos iguaes de gosos santos
Colhemos naquella hora abençoada:
Tu de seres na terra idolatrada

Mais que quanta mulher o mundo incerra !
Eu de ter incontrado em ti, na terra,
De meus anhelos a almejada palma !

A sala era deserta
Ao voltarmos d'alli ; serena, aberta
Coava a luz dos vidros transparentes :
Rompia a madrugada
Nos espaços dos céus ;
Nas campinas olentes
Tudo estava em repouso !
Ail recorda : co'a voz entrecortada,
Nos transes da paixão,
Tu me apertaste a mão !
Que amor ! que vida ! que sorrir ! que goso !
Naquelle extremo adeus !

E depois ! dessa noite, de taes scenas
Que ficou para nós ? Uma lembrança !
Uma folha no livro do passado !
E o temor e o receio de que o fado
Venha trocar, de novo, em duras penas,
Tantos sonhos e anhelos ideaes !
Oh ! pois aquellas horas de esperança
Não têm de voltar mais ? !...

IV

Menina e Moça

De oppresso e occulto na gaza,
O tremor te arfa o corpinho,
Como o sussurro de uma aza
Que surge á beira de um ninho !

Como o pejo sóbe, e alaga
E a tua imagem circumda,
Dessa aureola de luz vaga
Que de alma os olhos inunda !

Quando ao limpido universo
A nossa terra uniu Deus,
—Este pequen~~o~~ verso
Da ode immensa dos céus!—

Abriu nella o paraiso,
Rosea estancia peregrina:
Quiz ajuntar-lhe um sorriso
E fez então a menina!

A flor dos labios divinos,
Rompendo o verbo sidereo,
Nasce em flocos purpurinos
O ser, o incanto, o mysterio!

E os seus hombros nús reveste
Aquelle candor que passa
A fórma aerea celeste
N'um aureo disco de graça:

Collar de sonhos que aos beijos,
Tecem os anjos no espaço!
Em que os elos são-desejos
E são-ais-o pé e o laço!

Menina e moça te afaga
O medo!... a esp'rança!... quem sabe?
Essa prece de amor vaga,
Que em lingua d'homens não cabe!

V

Amor de salvação

Contemplai a casa ao longe :
E' toda branca a parede,
E o telhado pardacento
Parece o capuz de um monge
Que vaga sombra despede
Sobre um pallido semblante
Todo bondade e tristeza !
Correi o amplo cercado
Onde á tarde passa o vento
No bulicio agonisante,
E vêde aquella deveza :
A casa, como um segredo,
Do socego e da ventura

Alli posto na espessura —
D'entre as frestas do arvoredo,
Ha de seguir-vos de par :
Assim a rola na estrada
Vai saltando descuidada,
Mas fugindo ao nosso andar,
E nas voltas do caminho,
Ora avulta n'um raminho,
Ora some-se a voar !

Como é formosa a miragem
De toda aquella paisagem !
Até nas pedras do monte
Nuas, soltas as raizes
Do triste cardo a pender,
Têm phantasticos matizes,
Quando o sol pelo horizonte
Cinge em lubricos ardores
Serras, valles, bosques, flores,
Ebrio de luz a tremer.

Doida a brisa, a brisa em ancia,
Qual marmurio na distancia
De indistinctos, crebros—ais—,
Agita a doce fragancia
Dos floridos cafezaes ;
E inlaçando as debeis folhas

No constante voltear,
Vai deital-as mansamente
Pelas aguas da corrente,
Que ao meio corta o pomar :
De esmeralda verdes bolhas
N'um fio d'alvo collar !

Alli passei toda a infancia
Naquella adorada estancia,
Oh sonhos da mocidade!
Oh que dorida saudade!

Quando o irmãosinho chorava
Ella o trazia cantando
Junto ao tronco da paineira,
Onde a selva mais trançava
Os laços da trepadeira.
Depois, depois suspirando
Ia até a encruzilhada,
A ver as aves em bando
No vôo incerto e vivaz,
Unindo a alegre toada
Co'a dança dos *tangarás*.

Não sabe, não, como é lindo
Errar nos bosques scismando,

Quem nunca andasse sósinho
No deserto escuso, infindo,
A parar de quando em quando,
Já seguindo o trilho umbroso,
Já o desvio tortuoso :
Vendo sempre, sempre a matta
E acaso um ruído, um ninho
Onde a vida se dilata,
Das ramas por entre o véu,
E ao longe apenas o céu !...

Uma vez, era ao sol-posto,
E vinha como apressada
Aquella visão serena !
A voz tenra, frouxa, amena,
O collo todo a tremer...
Pairava então no seu rosto
Um como sorriso aereo.
—Raio, esperança, mysterio !—
Essa aureola do prazer,
Que vem d'alma incendiada
Morrer nos labios a custo,
Quando a graça, o pejo, o susto
Vestem no anjo a mulher !

Pelo musgo da barranca
Voava travessa inquieta,

Toda mimo, toda branca,
Pressurosa borboleta :
Era qual outra menina,
Deixando a larva mofofa.

Quiz seguil-a, então a bella ;
E o pobre insecto, de vêl-a
Bateu as azas, fugiu.
Ella cançada, arquejante
Sobre a moita verdejante
Foi assentar-se e...

(de leve

O perfume da folhagem
Talvez passando na aragem,
Tenha venenos ou teve
N'aquelle instante...)

dormiu !

E o pae—o feitor—n'ausencia,
Descuidado além, na roça :
A um lado—a casinha, a choça,
E o silencio em derredor !...
Entre nós só a distancia
Que vai da casta innocencia
A' essa vontade-supplicio,
Echo informe da consciencia,

Sombrio, insondavel, tredo
Laço do instincto, descripto
Pelas gottas do suor
Entre a orla do infinito
E a aresta do precipicio,
Quando a vertigem do medo
Céga a coragem do amor!...

E fui!

Ao languido aneio
Arfava n'aquelle seio
Um certo occulto rumor,
Como se a alma estivesse
Resumida n'uma prece,
E fosse o altar peregrino
Aquelle corpo divino,
E fosse Deus o pudor!

Foi uma loucura immensa
Da paixão a chamma intensa
Que emfim meu ser abrazou!
Em seu pescoço mimoso
'Tentei meus labios roçar...
Mas quando o férvido beijo
Um relampago do goso
Por minha frente passou,

Não sei que estranho lampejo
Veiu-me a vista turbar!
Voltei a face e tremi!
E' que nessa hora senti,
Só o contacto fatal
De uma lamina glacial:
Pois d'entre os seus hombros nús
Cahiam como aurea veia,
Elos de fina cadeia
E nelles preza uma cruz!

Depois quando ella accordou,
Quasi em extasi fixou
Em mim o olhar desvairado,
E correu para o cercado

Não chorei, oh! não chorei!
E hoje o Senhor me envia
Uma suave alegria
Na saudade que dilata
Os sonhos que já sonhei!
Ai! que alli só fiquei eu,
A noite, o deserto, a matta,
E ao longe apenas o céu!

VI

Ignis Soror!

A MEU AMIGO

SR. JOAQUIM BONIFACIO DO AMARAL

*Recitada quando se inaugurou o collegio
Cullo d Sciencia*

Havia o cahos e o nada e a escuridão disforme
E o silencio a ennoitar todo o vazio aos céus!
A sombra em denso véu corria o vacuo enorme!
E só, d'entre o infinito, a contemplar-se—Deus!

Emfim, na mente angusta a idéa fulgurante
Abre-se á vida, ao ser, em turbilhões a flux!
Estende-se o universo! e ao brado retumbante
Ao mundo faz-se o verbo e ao verbo faz-se a luz!

Mas triste, abandonado, o homem perde o ninho
Onde sorriu-lhe a esp'rança e a ventura d'apoz;
Sangra-lhe o corpo a dor no ponte-agudo espinho:
No irmão que amou primeiro acha o primeiro algoz!

E passa, e passa errante ao deserto sem termo,
A' planície, á devesa, ao bosque, aos alcantis;
Em tudo vem-lhe a magoa, a morte, o frio, o ermo!
Tudo lhe enturva o olhar e a carreira infeliz!

Um dia surge além a estrella precursora,
O astro que a innocencia e a candura traduz;
Innunda-se de amor a chammejante aurora:
A alma é o novo céu e o novo sol é a cruz!

Aos raios da palavra ergue-se agora o templo!
O direito e a razão fundem-se ao limiar;
E dão no sanctuario ao sacrificio o exemplo:
A prece é a caridade e a consciencia é o altar.

Oh grandes! oh pequenos! é de todos a esmola!
O espirito tem fome e em ancias se desfaz!
Em frente da cadeia edifica a escola!
E vão-se a guerra e o crime: a educação é a paz!

Fórme-se na familia a tenda do trabalho :
A infancia e a mulher consagrem o porvir !
De uma sáe o aroma, de outra cáe o orvalho,
Nos seios da alegria a flor da honra a abrir !

Na choça do operario e na mansão do rico
O anjo do progresso immerso de esplendor,
A grandeza real, como n'um aureo disco,
Esmalta a c'roa, e o sceptro em per'las de suor.

Havia o cahos e é dia ! A multidão dormente,
O povo hade subir, subir pela instrucção !
Na escada do futuro ha dois degráus sómente :
No peito—a liberdade, e na frente—a razão !

Vêde como a sciencia atira-se no espaço !
De orbe em orbe vai, ao Creador se alteia !
A's raias do mysterio esmaga o ferreo laço
A vontade, o poder, o relampago, a idéa !

VII

Suzanna a Odalisca

—ORIENTAL—

Da noite rolam as sombras
Nas alfombras
Das paizagens de Stambul ;
As bandeiras da mesquita
Brando agita
O vento manso do sul.

No escuro do immenso espaço,
Tenue, escasso
Morreu da lua o clarão ;
Um somno pezado e mudo
Cobre tudo :
A terra, o céu, a amplidão.

O eunucho sómente vela,
Sentinella
Das vastas salas do harem :
Onde o Grão-Senhor repousa,
Ninguem ousa
Turbar a calma, ninguem !

De custosa architectura
Na moldura
Se entrelaçam os festões ;
Do tecto as luzes que pendem
Se desprendem
Dos mil accesos brandões.

Odóro, fragrante, intenso
Arde o incenso
Nas piras d'ouro e marfim ;
Da casa em cada contorno
São adorno
Só diamante e rubim !

E o Senhor das mil captivas,
Que de esquivas
Rendidas amantes fez,

Nos seios da favorita,
Lá dormita
Dos sonhos na languidez.

A cada ardente desejo
Mata um beijo
O delirante prazer !
Em cada beijo amoroso,
Novo gozo
Vem um desejo accender !

Mas Suzanna do ciume
Sente o gume
Profundo n'alma a pungir !
Suzanna altiva, divina,
A mais fina
Das finas per'las do Ophir !

No desgrenhado cabelo,
Farto e bello,
Que pelo rosto lhe cae,
Resvala o pranto aljofrado,
Derramado
Sem desprender um só ai !

Corre em fio como o orvalho
Que do galho
Do tronco tomba no val ;
Como a chuva que nas plagas
Cae em bagas,
Cae em bagas de crystal !

Do Bosph'ro quebram-se as aguas
Pelos fraguas
Dos alagados marneis :
Tal sempre o amor que se exalça
Se espedaça
Da vida pelos parceiros !...

Mas d'entre a negra pupilla
Eis scintilla
Um raio vivo de luz...
Ergue a fronte... e um sorriso
Indeciso
No gesto se-lhe traduz !

Como, oh sombra, á horas mortas
Tantas portas
Vedadas queres transpôr ?...

Como vaes tu não sentida,
Atrevida,
Ao leito do Grão-Senhor?!

De Sára nos lindos braços
Frouxos lassos,
Reclina a fronte o Sultão,
Do amor no extremo holocausto
Que inda um hausto
Ergue ás chammas da paixão.

O rico turbante ao lado
Desligado
Da cintura o yatagan;
O eunucho por elle vela,
Sentinella
Até que venha a manhã.

Eis chega a sombra atrevida :
Não sentida,
Ao leito as sedas recúa!
E contra a face arrugada,
Descançada,
Do Sultão conchega a sua!...

O corpo que o fogo aquece,
Estremece,
Pois que o veneno sentiu!...
E um beijo, quasi dormindo,
Sára rindo
Em seu senhor imprimiu!

De novo raiava o dia,
Mas dormia
O Turco sem respirar!
Somno de morte, pesado,
Estampado
Só tinha no turvo olhar.

Em roda tudo repousa,
Ninguem ouza
Romper a calma do harem;
No chão, inerte, estendido,
Esquecido
O eunucho dorme tambem!

VIII

Nessun maggior dolore!

Se de repente um tímido desejo,
Como um raio furtivo do sol-posto
Em nuvem d'ouro d'entre o céu d'Agosto,
Cahi, passou pela tua alma em pejo;

Se a curva airosa do teu seio lindo,
Ninho dos sonhos que a existencia aquece,
Banha a esperança, e a infinita prece,
Entre susto e prazer, abre cahindo;

Se aonde vaes tu pedir a vida e o goso,
Acha o teu coração—ancia e tremor,
Anjo, tocaste o pomo venenoso!

E vens do paraiso á terra e á dor!
E vens despir o manto luminoso!
E vens perder-te ás solidões do amor!

IX

Duas creanças que a tremer se olhavam :
O meu desejo e o teu sorriso—oh flor!
Ambas do goso no limiar paravam :
Uma de susto e a outra de pudor!

X

A volta

Eis-me emfim! Já de novo a teu lado
Volto ainda a gosar da existencia :
Após noite pesada da auzencia,
Vejo o sol em teu rosto a fulgir !
Ai ! que instantes crueis de saudade !
Que momentos de amarga incerteza !
De ti longe, senti que a tristeza
Vinha em prantos meu seio affundir !

Foram nestes lugares bemditos
Nossos dias mais ternos, mais lindos ;
De sorrisos, de sonhos infindos
Nossa quadra da vida melhor ;
Onde eu via nascer cada aurora,
Cada vago e solemne sol—posto
Uma aureola de amor em teu rosto ;
Um sorriso em meus labios—de amor !

Como ainda me estão na lembrança
Essas intimas horas passadas,
Em que loucas as vistas casadas
Tinham tão eloquente fallar !
Quando o seio infantil te-arfando
N'um palpito de langue pureza,
Tantas mostras de eterna firmeza
Tu me davas no morbido olhar !

Mas nas folhas da agreste ramagem
Tudo é morto, deserto e gelado,
Frios raios de um sol desmaiado
Mal luzir-nos o inverno deixou ;
Já da terra a nudez desolada,
Revestindo da morte os pallores,
Vem dizer que findaram-se as flores !
Vem dizer-nos que o incanto findou !

Porque havia de o tempo tão cedo
Desterrar estes gosos suaves !
Porque o doce sussurro das aves
Converteu-se em tão funda mudez ?...
Não choremos ! de algozo penhasco
Nasce ás vezes a flor mais viçosa ;
D'entre as brumas da quadra invernosa
Brotam sonhos mais bellos talvez.

E inda mesmo que tudo acabasse
Nos incantos do céu e da terra,
Que de todo faltassem á serra
Seus perfumes, seu floreo matiz ;
Persistindo este affecto profundo,
Não sou eu tão feliz a teu lado,
Tendo o mundo em teu rosto adorado !
Tendo a vida em teus olhos gentis !

Oh ! bemdicta a estação da existencia
Em que o peito bater mais ardente,
Em que a alma em teu rosto innocente
Mais ditosa, mais forte luzir !
Sê bemdicta, oh mudez inspirada,
Tu que em lucto depões a deveza,
Vens matar na minh'alma a tristeza
Vens em risos meu seio affundir !

XI

Anjo do inferno ou do céu,
Esse poder quem te deu,
Com que dominas assim ?
Inda o meu amor persiste !
Inda em ti minha alma existe !
Inda tens o imperio em mim !
Quando em horas de martyrio,
Me volteiam na lembrança
Aquellas noites passadas
Em tanto vago delirio
De ventura e de paixão ;
Aquelles dias perdidos

Em devaneios sem fim :
Em que o teu olhar casavas
Com meus olhos imbebidos
Em tua frente gentil,
E vejo que já perdeste
O riso brando, celestes,
Que dava tanta expressão
Ao teu semblante infantil,
Que mais e mais se expandia
Quanto em mim se reflectia;
Eu digo commigo então :
«Está pois tudo acabado !
«N'aquelle seio gelado
«Já não ha mais coração!»

E' tão contraria esta vida,
Que muitas e muitas vezes,
Encontramos os revezes,
Quando os pensamos passados ;
Quanto mais santos nos crêmos,
Mais delictos commettêmos,
São mais feios os peccados !
Quem sabe se tu, querida,
Não tens disto a prova em ti !
N'uma hora de desvario
Talvez, no excesso do amor,
Eu te levasse o amargor !
Quem sabe se te offendi ?...
Oh ! mas o fragil raminho

Que o vento rijo deitou
Sobre a margem da corrente,
Que culpas terá—coitado!
De lhe ir turbar o caminho?
Se tu me julgas culpado,
—Sem o querer, innocente—
Eis-me constricto a teus pés,
A implorar o teu perdão!
No desespero, no ardor
Que as faces hoje te innunda,
Que me opprime o afflicto peito,
Que a alma afflicta me circumda,
N'esse pezado despeito,
Tu bem vês minha humildade,
O teu triumpho bem vês!
Se houve offensa e se a maldade
Foi só minha, anjo querido,
Como pois ri-se o offendido?
Como chora o aggressor?!

Volve os teus olhos aos meus;
Mostra que tens em ti mesma,
Aquella porção divina
Que á mulher bella illumina
Das puras chammas de Deus:
Piedade anjo, piedade!
Não me crimines em vão!

Oh! tu não tens coração!

XII

Hyems

O sol fulgindo tremulo
Além desaparece ;
Dos montes sobe e cresce
Um plumbeo turbilhão ;
E da celeste abobada,
Em nevoa a lua involta,
A' terra apenas solta
Seu pallido clarão.

E' triste tudo ! Gelido
Nos troncos ruge o vento,
Qual grito de um lamento
Que o echo prolongou !
Sumiu-se o matiz flórido
Do val e da collina ;
A estrella vespertina
Em nuvens se occultou.

Não soam mais os canticos
Nas rusticas choupanas ;
As timidas serranas
Não sonham mais d'amor.
No lar o fogo accende-se :
Ao pé sentam-se unidos
Os filhos mais crescidos,
Em torno ao lavrador !

D'espaco a espaco, timido,
Por entre o vão da penha,
Em sua voz roufenha
O mocho ergue o piar !
Sombria mudez, tetrica,
Silencio funerario
Ao quadro mortuario
Mais negro vem tornar.

Mas tudo passa rapido
Nas scenas deste mundo :
Da dor na taça—o fundo
A f'licidade tem ;
O dia á noite prende-se,
A esp'rança á vã chimera ;
E a mesma primavera
Apoz os gelos vem.

Ha de voltar esplendida
A quadra florescida !
Ha de voltar a vida
Ao bosque, ao campo, á flor,
Hão de soar dulcissimos
No lar que a nevoa alveja
Da humilde sertaneja
Seus canticos d'amor.

Do sol os raios pr'vidos
Revestirão a serra ;
A agua, o ar, a terra
A luz fecundará ;
Da noite os fogos rutilos
Terão novos fulgores,
E o astro dos amores
Mais brilho então terá.

A' mim talvez, ai misero!
Não voltará o goso!
A' quem perde o repouso
Jámais resurge a paz:
A' dor do viver intimo
Não hade haver conforto,
A' um peito que de morto
Perdida a esp'rança traz.

Oh! qual o cantor languido
Sósinho na floresta,
Saúda a doce festa
Com seu feral gemer,
Assim, minha alma, eleva-te
Ao louco teu transporte!
Oppõe á vida—a morte!
Ao riso—o teu soffrer!

Julho de 1862.

XIII

Nunca mais

Nunca mais—é um som funereo
Como o adeus do moribundo,
Quando parte deste mundo
Entre soluços mortaes !
Recordando as alegrias
Que a sorte nos tem roubado,
A's lembranças do passado
Nós dizemos—nunca mais !

Cheia de magna e remorso,
Na frente da incanta virgem,
Quando de amor na vertigem
Perde as flores virginaes ;
Nos ramos do cedro altivo,
Se o raio queima a floresta,
Nas folhas que o inverno cresta
O que se lê ?—nunca mais !

Passam os annos e os mezes,
Passam as noites de amores,
Passam as horas melhores
Do nada pelos umbraes !
No vazio da existencia
Longo olhar triste fitando,
A tudo que vae passando
Diz o homem—nunca mais !

Nunca mais—é um desingano !
E' uma longa saudade
D'um tempo de f'licidade
D'aureas creuças divinaes !
Nunca mais ! diz-se entre prantos
Quando a esperanza é perdida !
Perdem-se os sonhos da vida
Quando se diz—nunca mais !

Não sei porque neste dia
Claro, esplendido, formoso,
Em que tudo é riso e goso,
Tudo cantos festivaes,
Um pensamento secreto,
Que o meu ser opprime e cança,
Aos anhelos da esperança
Vem dizer-me—nunca mais !

24 de Junho de 1862.

XIV

Canto inaugural

AOS

DRS. SALDANHA MARINHO E FALCÃO FILHO

*Recitado quando se abriu o caminho de ferro
entre Jundiahy e Campinas*

Os sec'los são degráus immensos do infinito !
Ao limiar do espaço onde o tempo volteia,
Fundem-se a alma e a luz n'um gyro louco e afflicto !
A morte é uma ficção, porque não morre a idéa !

O ser accorre ao ser! A' face do universo
Tudo caminha e vôa em turbilhões á flux!
O Senhor diz:—subir!—e espalha, verso a verso,
—Hymnos do seu poder—a vida! a força! a luz!

O homem tambem vai á lucta, ao movimento!
O atomo-rei suspende o olhar perscrutador!
E fita e abrange a terra, a agua, o fogo, o vento!
E segue ovante além, roçando a gloria em flor!

Rendeu-se humilde o chão! o mar curvou-lhe a esteiral
O ar, o proprio raio o genio audaz venceu!..
Mas hoje o que lhe acende esta ancia aventureira?
O mysterio! o ideal! a immensidade! o céu!

Lançai a aurea escada ao aureo firmamento:
O vulto—humanidade emfim sae da união!
Dos sonhos no fervor gera-se o pensamento!
Os caminhos são veias—tendem ao coração!

Transmuda-se em familia o que antes era o povo!
O braço se une ao braço, a voz se prende á voz!
Acabou-se a distancia! o mundo é um lar de novo!
Deixai passar o carro: as turbas vão d'apoz!

Deixai passar, oh sim! a estrada é o rubro laço
Que aperta das nações os fulgidos laureis!
Deixai passar o carro—o sacrosanto abraço
Que vai de irmão a irmão em tremulos anneis!

Os sec'los são degraus immensos do infinito!
A's rodas do progresso,—a aureola, o esplendor,
A idéa vem d'alli no gyro louco e afflicto!
Chamava-se o trabalho : ha-de chamar-se o amor!

11 de Agosto de 1872.

XV

Hymno do Riachuelo

Sobre a liquida esmeralda,
Revedo o nobre perfil,
Todo ao vento se desfralda
O pavilhão do Brazil :
Alli do seu alto fuste,
Como de irmão para irmão,
Fallou isento de embuste,
Fallou de paz e união ;
Alli pendido da lança,
A quem cuspiu-lhe na paz,
Falla de morte e vingança !
Falla de guerras fataes !
 Sejam rabidos
 Canhões,
 Fragoas horridas
 Vulcões !
E' nos céus
Pelos nossos fados—Deus !

Na indomavel fortaleza
Lá o despota ficou,
E sorrindo aguarda a preza
Que a buscar os seus mandou.
Lá fica. De lá seguro,
Com suas hostes a flux,
Onde firme em cada muro
A confiança reluz ;
Preparando horrenda festa
Ao triumpho que antevê,
Mostra ao mundo, ao mundo attesta,
Quem foi outr'ora e quem é !...

Sejam rabidos
Canhões,
Frágoas horridas,
Vulcões !
E' nos céus,
Pelos nossos fados—Deus !

Quem foi que ao peito indefeço
O pranto e a magoa levou ?
Quem, nas aras do despreso,
As leis da honra immolou ?
Oh ! vergonha ! impôr-se a farda
A' creança e ao ancião !
A Providencia retardada,
Não esquece a punição :
Caíam ! fujam impotentes

Essas phalanges servís!
Se tu, justiça, não mentes!
Se vós, armas, não mentís!
Sejam rabidos
Canhões,
Frágoas horridas,
Vulcões!
E' nos céus,
Pelos nossos fados—Deus!

Fulge o raio!... rasga o vento!...
Silva horrisono!... cahiu!...
E no incendio atroz, sedento,
As érias bocas cingiu!
Em lava o espaço converte!
E rugel e passa! e lá foi!...
Entre a chamma a chamma verte
E a propria chamma destróe!...
Aqui sai de sombra um cerro!
Um mar de sangue lá sai!
Sobre o ferro cai o ferro!
Sobre o morto o morto cai!
Sejam rabidos
Canhões,
Frágoas horridas,
Vulcões!
E' nos céus,
Pelos nossos fados—Deus!

Coragem, bravos, coragem!
Mostrae o peito ao revez:
Já no choque da abordagem
Contra um vaso se erguem tres!...
O turvelinho que importa
Das balas, no seu vai-vem?
Fere, parte, rompe, córta,
Mas não espanta a ninguem!
Se o soldado brasileiro,
Quando exausto morde o chão,
Tem no esforço derradeiro
O derradeiro braço?!...
Sejam rabidos,
Canhões,
Frágoas horridas,
Vulcões!
E' nos céus,
Pelos nossos fados—Deus!

Eis das aguas, fluctuante,
Com ufania surgiu
A náu que o nome gigante
Tomou ao gigante rio:
Como o aspide que estúa!
Medindo os que o vão ferir,
E, por momentos, recúa,
Para os golpes dividir;
Orlas de fumo e de fogo

No ar tremulo bordou!
Um e outro... e outro logo,
Encontra, bate, quebrou!
Sejam rabidos
Canhões,
Frágoas horridas,
Vulcões!
E' nos céus,
Pelos nossos fados—Deus!

Somos heroes! se á victoria,
Pura de estranho labéu,
Cabem os loiros da historia
Levando a honra em trophéu!
Somos fortes! se a grandeza
Mais em galas se pompêa,
Onde sobre a dôr não péza,
Nem ao vencido encadêa!
Somos grandes! se no esforço
De quem repelle o baldão,
Sobredoira-se o desforço
Entre o direito e a razão!
Sejam rabidos
Canhões,
Frágoas horridas,
Vulcões!
E' nos céus,
Pelos nossos fados—Deus!

Das vagas ao rubro espelho,
Dando a effigie triumphal,
Perde o igneo apparelho,
Pouco a pouco, o som final.
E o archanjo—rei da gloria
Duas c'roas nos cingiu :
Uma—o brio da victoria!
Outra—a victoria do brio !
E o pendão aureo, jucundo,
Rompe o ar, ondêa aos céus :
Pela nossa gloria—o mundo !
Pelos nossos fados—Deus !
 Sejam rabidos
 Canhões,
 Frágoas horridas,
 Vulcões !
 E' nos céus,
Pelos nossos fados—Deus !

XVI

Um dia exaurido nas luctas da sorte,
Cançado, da morte bem junto me achei !
Teu rosto adorado volveste-me, oh virgem,
Da louca vertigem tremendo accordei !

Nas fragas desertas, nos ermos do mundo,
Roçando no fundo que o abysmo entrevê,
Conduzes meus passos por entre as ruínas
E alegre me ensinas os trilhos da fé.

Nas horas que o bosque desfaz-se em perfumes
E um facho de lumes percorre a extensão ;
Que ao longe do outeiro no placido encosto,
De um vago sol—posto vacilla o clarão ;

E o astro saudoso seu manto alvejante
Desdobra distante no immenso alcantil,
Por entre a espessura, veloz, terra á terra,
Nas bargas da serra pairando gentil ;

Eu julgo o universo pequeno recinto
P'ra as ancias que eu sinto de um goso maior !
Teus olhos serenos me trazem bonança
Dizendo—«esperança na vida melhor» !

Das sombras da terra me acenas sorrindo !
N'um extasi infindo me elevas ao céu !
Em mystico amplexo nos une o destino,
N'um sonho divino meu ser prende ao teu !

A's vezes scismando minh'alma estremece,
Nas trevas parece querer se afundir !
Buscando as venturas de um frio passado
No vacuo enublado de um longe porvir !

Não sei que tristeza meu peito circunda,
Meus olhos inunda de prantos, n'um ai !
Nas feias miserias dos homens attento,
E em cru desalento meu rosto descai !

No mar de meus sonhos, então, branda estrella,
Calmando a procella, derramas a luz !
Chorando me apontas um mundo infinito
Com sangue descripto nos braços da cruz !

Abril de 1863.

XVII

Sombras e raios

O pomo que se esquiva
Aos raios do sol quente,
A flor tem rediviva
Em nitida semente.

N'um véu de orvalho immerso
Abrindo o arbusto vem :
O espaço é o aureo berço,
Porém a terra é mãe.

Tu choras quando o aroma
Erguendo a flor punícia
De teus seios, a toma
Um beijo, uma carícia!...

Oh! vê que estranha seve
Inunda o coração :
A superfície é neve,
E o intimo é vulcão!

Teu riso é a flor que avulta
E que incessante morre ;
Quando parece occulta
Ao labio emfim te accorre!

Botão, pomo, semente,
De si renasce o amor :
Tu choras de contente!
E' mãe também a dôr!

XVIII

O olhar

O olhar quando estremece,
E os corações abala,
O olhar é como a falla,
Que a alma inunda e aquece.

O olhar quando resvala
E a palpebra humidece,
O olhar é como a prece,
Que o pensamento exha'a.

Mas quando n'um sorriso,
Ao rosto purpurino
O olhar derrama o pejo,

A' luz do paraiso,
Então, no iman divino,
O olhar, ai Cynthia, é um beijo !...

XIX

Ao partir

Quando erguida no vôo inda incerto
A avesinha que alegre se impluma,
Sob as folhas que a aragem perfuma,
Atirar-se do bosque entre os véus,
Ai! que lances de enorme saudade!
Que delirios de amor e de susto,
Pelo ninho que fica no arbusto!
Pelo vacuo da vida nos céus!

E teus olhos, teus languidos olhos
Já procuram, já tentam perdidos
Ver no espaço que exhaure os sentidos
Aureas fitas do albor matinal!
Ai! 'teus olhos na lagrima occulta,
Testemunha de uma ancia latente,
Já se afogam no azul transparente
Entre as nuvens de opala e coral!

E' que vais n'uma supplica immensa
Indagar a secreta morada,
Onde o brilho da aurora orvalhada
Abre em sonhos o esquivo porvir;
Vaes correr os caminhos da sorte
A sabor de um inquieto desejo,
Dar a alma n'um tremulo beijo,
Aos deliquios de um vago sentir!

E foi nesta casinha adorada!
A surgir dentre os verdes pomares
Que tiveste na infancia os cantares,
As suaves caricias de mãe!
Esses mimos d'amor sem limites,
Que em segredo de paz e innocencia,
Fecham todo o matiz da existencia
No sacrario da honra e do bem!

Ai! que a negra vertigem do abysmo,
Tem veneno que incanta e fascina!
E' de todos a pallida sina
Incaral-o a sorrir e a tremer!
Pois como é que hade a gente furtar-se
Ao destino que arrasta e que impelle?
Vai! oh! vai! pobre victima inbelle,
Ao sussurro, ao bulicio, ao prazer!

E aqui fica na incosta da serra,
A mirar-se nas aguas sósinha,
Como em doce abandono, a casinha
Junto á sombra dos frescos vergeis!
Tendo aos pés, no declivio do valle,
A corrente que passa e murmura,
Como um hymno perpetuo á ventura;
Mais formosa que o paço dos reis!..

Oh não voltes a fronte saudosa!
Ai! não voltes o languido rosto!
Porque o ultimo acerbo desgosto,
E' ver longe o passado a sorrir,
Quando vemos na estrada deserta
O vasio sem termo do mundo,
Quando tudo é silencio profundo
Entre as nevoas do incerto porvir!....

XX

O filho da lavadeira

Um dia, nas margens do claro Atibaia,
Estava a captiva só-sinha a lavar ;
E um triste filhinho, do rio na praia,
Jazia estendido no chão a rolar.
A pobre creança que o vento açoitava,
De frio e de fome chorava e chorava.

A misera negra co'o rosto banhado
No pranto que d'alma trazia-lhe a dor,
Prendeu-a com força no seio abrazado
De magoas, de angustia, de susto e de amor.
Pendendo a cabeça no collo da escrava
A pobre creança chorava e chorava.

« Meu filho querido, no meio dos mares,
« Lá onde governa sómente o meu Deus,
« Lá onde se estendem mais lindos palmares,
« Porque não nasceste cercado dos meus?
E a pobre creança no seio da escrava,
Fitando-a tristinha, chorava e chorava.

« Meus pais lá ficaram: são livres, cantando
« Que vida contentes que passam por lá!
« E tu, meu filhinho, commigo penando,
« Esperas a morte nas terras de cá.
Os ventos cresciam: o sol declinava,
E a pobre creança chorava e chorava.

« Ai não! que dos pretos as almas não morrem!
« Havemos de ainda p'ra os nossos voltar:
« As aguas tão mansas dos rios que correm,
« Nos levam bem vivos ao largo do mar.
Nas aguas já meio seu corpo nadava,
E a pobre creança chorava e chorava.

« As aves, os bosques, as serras que vemos
« Não são como aquellas de onde eu nasci!
« Tão doces folgares risonhos quaes temos,
« Tão bellos, tão puros não ha por aqui.

Os fundos gemidos o echo levava,
E a pobre creança chorava e chorava.

« Oh ! vamos, meu filho, ao solo jucundo
« Aonde a existencia nos corre gentil ;
« Emquanto captivos houver neste mundo
« Os negros não devem viver no Brazil !...
A casa era perto : chamavam a escrava ;
E a pobre creança chorava e chorava !

Assim soluçou ; e no seio estreitando
O caro filhinho, nas aguas cahiu ;
Depois, muito tempo de leve boiando,
Sumiram-se os corpos nas voltas do rio.
Debalde procuram, procuram a escrava,
Se a pobre creança nem mais lá chorava !

Janeiro de 1861

XXI

Dois Colombos

A' A. CARLOS GOMES

Cai a tarde : desdobra em roixas voltas,
A languida mantilha da saudade,
Como um sudario com as orlas soltas,
Na face morta á toda a immensidade !

E a noite chora lagrimas de fogo
Ao fundo espaço—tumulo disforme,
Onde o vento murmura um fragil rogo !
Tudo sucumbe ! o proprio tempo dorme !

Ai de quem volve pelo vacuo immenso
O olhar perdido em convulsões afficto !
Ai de quem segue pelo rumo extenso
Os sonhos da alma ás portas do infinito !

Porque da esp'rança pela estranha plaga
Nunca ha prazer que dessedente o anhe!o !
Porque o desejo que entre sóes se alaga
Chumba-se á terra por anneis de gelo !

No oceano das eras sobem, descem
A hora, o dia, os seculos tardios!
Espumas, ondas que nas praias crescem
Rolando a vida e os seus despojos frios !

Mas o vôo do genio audaz, profundo
Resvala e passa pela equorea alfombra !
E surge e surge, dentre mundo e mundo,
A' luz subindo por umbraes de sombra !

*
* *

Uma vez, era um pobre, um sonhador, um louco
Achava enorme o céu e o mundo achava pouco :
Mediu co'á vista de anjo e a vontade de ferro
Na abobada celeste a multidão dos sóes ;

E, sobranceiro á dor, ás blasphemias, ao erro,
Encarou do infinito os lucidos pharóes.
De astro em astro vai a indomita coragem !
Une-se ao precipicio, arroja-se á voragem
N'um impeto fatal ! e aos pincaros alteia
O sonho, o pensamento, a inspiração, a ideia !
E segue e segue ovante em rapida vertigem,
A morte, o inferno, a sombra olhando-a de soslaio,
A propria immensidade a demandar na origem :
Tem por degráus o abysmo, a tempestade e o raio !

E lhe diz o Senhor :

—A que vens do teu ninho
Nas camadas do ar entre-abrindo o caminho ?
« Eu vim pedir, Senhor, um raio teu sómente :
A terra é tão pequena e o teu manto tão grande !
Oh ! delle uma porção, a ponta mais fulgente
A novas regiões se desdobra e se expande !
Alli da humanidade o fadado renovo
Hade apontar, crescer ! hade crescer-te um povo !
Eu quero vel-o, oh Deus, esse paiz sidereo,
Onde tudo é fulgor, é grandeza, é mysterio !

E a voz do Creador fallou dentre as espheras :
—Vai ! suspende ao trabalho a fronte augusta e nobre !
Eil-o o jardim formoso, a paisagem que esperas !
Abre os niveos portaes : Eu criei—tu descobre !

Alta fluctúa a esplendida floresta
Em lisa cama d'intima folhagem
Os seios dando á tepida bafagem !
A flor se occulta e espreita em cada fresta,
Como offendida do amoroso inredo
 Que em tremula toada
A brisa tece, na hora d'alma sesta,
 E a lympha despenhada
Entre os degráus d'asperrimo lagedo.
Sobre os galhos perpassa a ave isolada
Do meigo bando que adormenta o estio;
Placido banho suspirando incerta
A's largas folhas, á magnolia aberta,
—Amphoras curvas transbordando orvalho
De onde o insecto fulgurante exalta
 A cada fino esgalho
As leves pontas do mimoso fio,
Que em vago disco refrangendo esmalta
E cinge e abrange—nitida cadeia,
 Mansissimo recato—
Do ninho imbele a complicada teia.
 Altivo sobre o mato,
 Em mudo desafio,
Ao norte erguendo a incanecida fronte
 Entesta no horizonte,
Do calvo morro o escalavrado cimo :
Tal, no vitreo declive de algum rio
O tapir se levanta involto em limo,
Da verde riba ao cannavial dormente

O humido pello entre-fiando, ás gotas,
Chuva de uma hora, que nos juncos brilha
Em tenue véu de pallida escumilha,
 E foge de repente
Levada ao céu em commoções ignotas ;
Ou cai no fundo de escondidos cofres
 A's flores da orchydeia
 Abrindo de haste em haste,
 A crystalina veia
 Em que—puro contraste !—
Ondeia o musgo debulhando aljofres !

Correndo as largas fitas de esmeralda,
A copa que a vestir rutilas gemmas
O annoso tronco ás amplidões desfralda,
 Em custosas algemas
Contornam os cipós, a casca e o gomo :
 Pendente, longa charpa,
 Aperta a flor e o pomo,
 Em gyro d'aureas voltas,
Sustendo as folhas pelo vento soltas !

Oh linda patria dos gentis palmares !
Em ti véрте o calor tanta belleza,
Que rompendo d'além dos vastos mares
 Atrahida, surpresa

A luz se humilha até, desfeita em bagas,
Entrar, como em segredo,
As clareiras e a medo,
Beijar-te a relva que em teu seio afagas !

*
* *

Artista, eil-o o teu berço ! eil-o o teu floreo berço !
Aqui, novo Colombo, o teu v̄o desprende
Aos páramos d'azul. Entre as nuvens immerso,
Perlustra, mede o trilho ! Eia, condor, ascende !

*
* *

Agora á humanidade, ao fadado renovo
O Eterno hade sorrir :
—Eil-o que nasce o povo !
Os dois genios iguaes abraçam-se por fim
Ambos são immortaes—Eu criei-os assim ;
Um corta ousado o mar e descortina a terra !
O outro incara o céu : o proprio céu descerra !
Abre, ao novo clarão, um novo livro á historia !
E ás ferteis regiões hoje descobre a gloria !

Novembro de 1870.

XXII

Esperar !

Para sempre a meu lado na terra
Vae trazer-te afinal o destino :
E' chegado o momento divino
De meus labios se unirem aos teus !
Aureas nuvens rasgando ao futuro
Vejo ao sol da ventura, orgulhoso,
Já na terra essa aurora de goso
Que os eleitos vão ter junto a Deus !

E inda queres tardar esse instante,
Essa hora de ha tanto esperada,
Entre sustos e anhelos sonhada,
Sempre vista da sorte ao revez !
Maltratar inda o peito com ancias,
Anceiar inda em fera amargura,
Presentir e temer a ventura
Por um falso capricho talvez !

Duas vezes a rola da encosta
Suspirou á chegada do outomno,
E do inverno no gelido somno
A folhagem do bosque dormiu !
Duas vezes meu seio abatido
Viu passar a estação dos verdores,
Supplicando a teus olhos as flores
Que nos campos da vida não viu !

Esperar! quando os raios dardejam
Pelos schistos do trepido rio,
Nas campinas olentes do estio
Viste o bando das aves esp'rar ?
Pois se o canto saudoso se estingue
Entre o escuro da basta ramagem,
E' que ao doce murmurio da aragem
Meigas, doidas se estão a beijar !
11

Esperar! se em teu gesto já treme,
Impaciente do triste degredo,
O clarão que de balde, em segredo,
Tenta ainda occultar-te o pudor!..
Esperar!.. se o desejo opprimido
Com mais força o teu rosto illumina,
Mansa abelha que ao peito se inclina
Por sugar de teus labios a flor!

Oh! não queiras por mais um capricho
Retardar essa hora bem dita :
Eu bem sei que o teu seio palpita !
Eu bem sei que tu soffres como eu !...
Aureas nuvens rasgando ao futuro
Quero ir ter nos vergeis da esperança
Essa luz que na terra se alcança
Quando um anjo desprende-a do céu!

XXIII

Pudor e Amor

(RIMAS)

Se eu fito afflicto na tua frente ardente,
A custo e em susto meu faminto olhar,
Singellas, bellas, odorosas rosas
Do pejo eu vejo teu semblante ornar.

Que santos cantos de risonhos sonhos
Ao peito affeito a padecer me vem !
Minha alma a calma da esperança alcança,
E a vida, oh qu'rida, mais enlevos tem !

E' que inda infinda, como outr'ora, agora
Te inflamma a chamma que os amores dão :
Não fallas, callas ; mas no anceio o seio
Explende, accende, no rubor,—paixão!

Tremes ! ai ! temes que, na infancia, á esta ancia
Do bello anhelô, que a affeição te deu,
A inveja esteja com atrozes vozes,
Cuspindo e rindo a macular-te o véu !...

E logo o fogo das peiores dores,
Que a terra incerra no seu antro aqui,
T'inunde e afunde na fumaça a graça
Que Deus dos céus te dispensára a ti !

Por isso o viço das formosas rosas
Do pejo eu vejo—abrazear-te o albor !
Commigo eu digo, na minh'alma em calma :
--Não mente ! sente, como eu sinto, amor !

XXIV

A' Carlos Ferreira

NA NOITE DA TERCEIRA REPRESENTAÇÃO
DO SEU BELLO DRAMA

A CALUMNIA

Duas corôas sagram-se ao proscenio!
Duas corôas de immortal victoria:
—A da honra que o povo eleva ao genio!
—A do genio que eleva o povo á gloria!

No pedestal dos seculos descripto
O amor, que as tece, do porvir se alteia!
E abre e rasga, ás portas do infinito,
O céu da consciencia ao sol da ideia!

Tu vens, poeta, ás multidões errantes,
Sonhar tremendo aos raios da verdade :
São teus braços, teus louros rutilantes :
A razão! o direito! e a liberdade!

O Senhor disse á luz —surge! illumina
A vastidão dos seres pelo espaço!
E tu disseste á arte :—luz divina,
Inflamma os corações no immenso abraço!

Abraço da esperança, grande, nobre,
Que desperta o calor e o movimento!
Que tem sorrisos para o rico e o pobre
Que estende á propria dôr força e alento!

Abraço que confunde o templo e a escola,
Doirando-lhes a cupula nos céus ;
Na licção e na prece erguendo a esmola,
A esmola d'alma junta aos pés de Deus!

Abraço d'um mysterio fulgurante,
Da fé, da crença immaculada homilia ;
De lagrimas e flores gotejante,
Erguendo a humanidade na familia!

Tu vens, poeta! as multidões te acolhem
Hosana! Hosana! ao louro teu sublime!
Do verbo augusto os labios teus se molhem
A's santas aguas que o soffrer redime!

A' rubra aurora surge a divindade,
Aos dois poderes desprendendo a escada:
O vate e a turba: a vida e a immensidade!
A voz e a penna supplantando ao nada!

Duas corôas sagram-se ao proscenio!
Duas corôas d'immortal victoria!
—A da honra que o povo eleva ao genio!
—A do genio que eleva o povo á gloria!

Campinas—Outubro—11—1873.

XXV

Supplica

Quando eu te procuro no olhar desvairado
 Passando a tremer,
Teus olhos formosos, teu rosto adorado
 Não deves volver.

Não deves! dos olhos no tímido beijo
 Nossa alma sorri!
E o riso em meu seio, na vida só vejo
 Se vem-me de ti.

Meu unico instante de crença e ventura
Só nisso é que está ;
Se a sorte m'ó rouba, que immensa tortura,
De mim que será !

Tu pensas que o mundo com tredo reclamo,
Nos vota o rancor ;
Mas isso que importa, se eu sinto, se eu amo,
Se é santo este amor !

Um dia hade o mundo tremendo do insulto
Cahir-nos aos pés:
Virá, de humilhado, pedir-nos indulto
Do mal que nos fez !

E o mundo que importa, se acaso condemna
Tão funda paixão !
Se o mundo espeziuha quem soffre, quem pena,
Quem tem coração !

Rebrama dos homens no pelago undoso
Medouho escarceu !
E nós longe, longe, nas azas do gozo
Subamos ao céu.

Subamos! Subamos! N'um languido abraço
Descança-te em mim :
Depois, sempre juntos, cedendo ao canção
Morrámos por fim !

Morrámos! e as almas sulcando o infinito
Sem putridos véus,
Afoguem-se unidas n'um somno bemdicto !
Nos seios de Deus !...

Qual murcha a campina, qual secca a floresta
Se o sol lhes faltou,
E extinguem-se os risos, extingue-se a festa
Se o inverno chegou ;

Assim a minha alma descae desmaiada
Sem vida a chorar,
Se as trevas que a cercam a chispa é vedada
Do teu meigo olhar.

Se queres tu mesma cortar-me a ventura,
Matar-me o prazer,
Oh! faz que dos olhos a tua luz pura
Não doire o meu ser !

Mas inda assim mesmo luctando um momento
Na dura viuvez,
Irei, já sem vida, meu ultimo alento
Depôr a teus pés!

Outubro de 1862.

XXVI

A Louca

Sparsa le trecce morbide
Sull affannoso petto

MANZONI.

I

Ella vinha cançada. Era de dia:
—O sol claro a luzir—
Tinha um fogo nos olhos que abrazava;
Impavida, incessante caminhava,
E era sempre a sorrir.

Que sorriso, meu Deus! como passava
D'alegria ao furor!
Seus labios sons queixosos murmurando,
As vestes, insensatas, espedaçando,
Mordia-se na dor!

Muitas vezes cahindo de joelhos
Fitava muda o céu.
Depois volvia os olhos espantados,
Firmando-se nos pés ensanguentados,
Rasgava o peito seu!

II

No meio da multidão,
Passa a coitada sosinha!
Na frente se lhe adivinha
O signal da maldicção.
Todos sorriem-se, todos!
E dão-lhe insultos e apodos!
Ninguem estende-lhe a mão!
Hoje aponta-se a desgraça,
Com vil escarneo na praça,
No meio da multidão!

N'aquella scena immoral
Oh! quem mais louco parece:

O mundo que a escarnece
Em seu inlevo brutal,
Ou ella do mundo a rir-se,
Nas ancias a retrahir-se
Do negro accesso infernal?!...
E todos os que passavam,
Mulheres, homens, entravam
N'aquella scena immoral.

E era bella a sorrir !
Tinha nos olhos pisados,
Grandes, vivos, desvairados
Tamanho fogo a luzir !
Em desalinho cahidos
Os seus cabellos compridos
Iam-lhe os seios cobrir ;
Profundas manchas no rosto
Tinha-lhe aberto o desgosto,
E era bella a sorrir !

Quem era a pobre mulher?
Porque havia em seu delirio,
Nos olhos sempre o martyrio?
Nos labios sempre o prazer ?
Como o espelho da existencia
Destinou-a a Providencia

A assim constante viver,
Mostrando aos homens na vida
Aos gosos a dor unida?
Quem era a pobre mulher?

E' a louca!—a turba o diz.
E—louca! louca!—sorrindo
Vae a triste repetindo
Em seu sonhar infeliz.
Remordendo o corpo exangue,
Em jorros desata o sangue
Dos seios lindos, gentis!
Sorri-se a tudo e a todos
Emquanto com vis apodos
E' a louca!—a turba o diz!

III

Eu a vi, oh meu Deus, rasgando as vestes,
As fórmãs virginaes
A' turba desinvolta ir amostrando!
Umaz vezes sorrindo, outras chorando
Entre arrancos mortaes.

De quando em quando extatica parava
E cantava tambem ;
Depois rompia em gritos tão profundos,
Que os echos repetiam gemebundos
Nas encostas além.

Nas fortes convulsões do desespero
 Como ella se extorcia !
E saltava-lhe o sangue espadanado,
Em torrentes do corpo espedaçado
 No furor da agonia.

E passava, oh meu Deus, ia alto o dia ;
 A turba em derredor !
Ella olhava-a, sorrindo-se p'ra todos :
O mundo escarnecendo-a, em vis apodos,
 Insultava-lhe a dor !

Setembro de 1862

XXVII

Anhelos

Se nesta terra não houvesse agora
Tanta alma fallaz e trahiçoeira,
Eu quizera sonhar neste deserto,
D'infundo amor, á sombra da palmeira.
Eu quizera ditosa nestes sitios
Vêr inda a raça primitiva e bella :
Ai que viver ! isento de cuidados
Eu passára feliz no meio d'ella !

Eu quizéra de tarde nestes ermos
Ouvir cantar o sabiá fagueiro,
E descendo do alto das peróbas
Vêr a pomba molhar-se no ribeiro.
Eu quizéra dormir sob estas folhas,
A beira deste monte infumaçado;
E depois acordar ao som do grito
Da araponga gentil, mansa, a meu lado.

Ah! porque, grande Deus, tu não fizeste
Minha terra não ser jámais captiva?!...
Que ainda errasse nella dos selvagens
A gente destemida, brava, altiva!
E eu pudera viver neste deserto
Tão venturoso á sombra da palmeira,
Tendo a meu lado a virgem dos meus sonhos
Com a face gentil não trahiçoeira!

Suas fórmas do céu nuas de infeite,
Singelo adorno contornasse apenas,
Entre-doirando as graças da belleza
No arfar mimoso das macias pennas.
Eu quizera á seu lado venturoso
Descuidado correr pela campina,
Ler dos seus olhos na mudez sublime
Toda a innocencia candida e divina!

Eu quizera lhe ver o pé mimoso
Saltando em susto a limpida ribeira;
Os seus seios de amor tremerem ternos,
O seu corpo cahir pela canceira!
Ai porque, grande Deus, selvas e mattas
Não mais avultam na longinqua serra?
Porque as hordas errantes dos selvagens
Varreste agora desta minha terra?!

Este mundo é tão negro e tão medonho!
E' tão esteril nelle a pobre vida!
Entre os golpes da inveja e da mentira
Passa a virtude triste e comprimida!
Nas comas do arvoredos sobranceiro
Gallas o sol, e seiva a chuva escorre;
Mas no fundo do valle não penetra
Uma gotta de orvalho á flor que morre!

Oh! se ainda, Senhor, voltasse um dia
Todo esse drama da primeira idade,
Quando sob estes bosques se inlaçavam
A alegria, a ventura, a liberdade,
E não houvesse nesta linda terra
Tanta alma fallaz e trahiçoeira,
Eu quizera viver unido a ELLA,
Em doce abraço á sombra da palmeira!

XXVIII

Dous tempos

D'ogni dolcezza vedovo,
Tristo; ma non turbato,
Ma placido il mio stato,
Il volto era seren.

G. LEOPARDI.

Ha neste mundo frivolo
De sombras e chimeras,
Horrificos momentos
De angustias infernaes :
Da vida o fundo ergastulo
Abrange duas eras
Em que os soffrimentos
Sentimos pungir mais.

Uma correndo passa-se,
Quando a nossa alma em flores
Nenhum dos sonhos gratos
Sentiu ainda cahir :
E' esse vago anhelito
Que espalha em seus ardores,
Não só pesados tratos,
Mas crenças no porvir ;

E' esse pranto fervido,
Que a sorte em seus revezes,
Derrama em nosso peito
Em ondas de paixão ;
E' esse amor que pede-se
Aos astros muitas vezes
E que, de noite, ao leito,
Tambem se pede em vão.

Essa sem custo vive-se,
Porque nossa alma é virgem
E ainda os desenganos
Coitada ! não sentiu ;
Porque da roaz duvida
Na sordida caligem
Os mais risonhos annos
Murchar-se ainda não viu.

Mas quando o amor indomito
Em nosso seio cresce
A' plagas sem abrolhos
Rompendo o aureo véu !
Quando u'a imagem candida
A rir nos apparece,
Abrindo a nossos olhos
A força, a idéa, o céu ;

Quando de um goso incognito
Em mundos encantados,
Corremos á conquista
Nas ancias do prazer,
E que, parando extaticos,
Amando e sendo amados,
Se perde a nossa vista
Nas nevoas do soffrer;

Porque da terra eleva-se
Alguma sombra amára,
Que ao pégo dos martyrios
Nos vem arremeçar ;
Negra, funesta, tetrica,
Dizendo ao homem—«Pára !
«Dissolve os vãos delirios
Do teu louco sonhar ! :

Ai ! como então n'esse epocha,
Aos vincos da desgraça,
Alastra em nós o estrago
Desse torpor lethal !
Erguendo o turvo calice,
Nossa alma inerte passa,
Bebendo, trago a trago,
O lucto, o tédio, o mal !

Muitos cahindo pallidos
Immergem na loucura
A dor, que lhes retalha
O peito, audaz, feroz ;
Outros, com frio escarneo
Saudando a sepultura,
Se envolvem na mortalha
De um crime vil e atroz !

Todos no somno gelido
Buscando o esquecimento,
Ultimam a romagem
Rasgando o coração !
De pé, na magoa impavidos,
Sorrindo ao soffrimento,
Oh ! quanto mais coragem
Não é viver-se então !...

XXIX

Duvidas

Se d'um anjo a gloria queres,
Serás anjo, se fizeres,
Contra o destino, um feliz.

C. CASTELLO BRANCO.

Quando eu passo e te vejo a fronte altiva
Reclinada na mão nivea e gentil,
E que dos olhos teus a luz tão viva
Inlaça-se dos meus no ardor febril,

Eu não sei o que sinto! : a vista deito
Desvairada, abatida pelo chão!
Eu não sei o que sinto! ; e no meu peito
Parece-me a estalar o coração!

E' que vejo em teus labios um sorriso
Que confunde no seio o mal e o bem,
A tecer-me no umbral do paraíso
Esta cifra do inferno—o teu desdem!...

Então á mente em febre e vacillante
Mil idéas me vem, e eu digo assim :
Talvez de mim se lembre n'este instante :
Talvez ella a sorrir zombe de mim!

Como o infante que em rorida folhagem
Busca á beira de um rio a flor colher,
E, vendo-se atrahido da voragem,
Tenta fugir e sente-se pender,

Assim tambem em fundo precipicio
Talvez so torne o amor que em sonhos vi!
E pensando me ser teu rir propicio
Sómente perdição eu ache em ti!

Quantas horas sem norte eu vou perdido!
Quantas, quantas sem tino eu vago a sós!
E segue-me o teu rosto, anjo querido,
Como segue o remorso ao crime atroz.

No meio dos festins passo calado
Qual um corpo sem luz pela amplidão!
Mendigo de affeições, abandonado,
Ninguem sabe atirar-me o negro pão!

Depois, findando a triste e vã romagem,
Quando desce o crepusc'lo e morre o dia,
Cobarde, eu te procuro!... e na passagem
Tu fitas-me inda assim—toda a alegria!

Eu não sei o que sinto! : o pensamento
Abraza-me nas chammas da paixão!
Suffoca-me o soffrer! falta-me alento!
E estala-me no peito o coração!

Novembro de 1862.

XXX

Sonhos

A JOSÉ MARIA LISBOA

Sonhar quando a nossa alma desabrocha
Nos olorosos prados da innocencia !
Sonhar na primavera da existencia
Em crenças incantadas de ventura !
Sonhar quando cançado a vida afroxa
Ao pé da sepultura !

A hera que se eleva e humilde cresce
Por entre altivos bosques, sóbe a custo
Nos galhos inramados a prender-se ;
Mas que apoio encontrou ? debil arbusto,
Que ao mais pequeno sopro desfallece
Desvalido a pender-se.

A vida é como a hera que viceja
Em carcomido tronco sempre erguida :
Aspira, almeja a luz, encara o espaço ;
O tempo arraza o tronco e treme a vida :
Oução que ao lodo volve—o homem beija
O barro frio e escasso !

E inda assim sonhamos ! inda agita
A chama do existir doce chimera
Em nossos corações, no peito exangue !
Por mais profunda a dor não dilacera
A viscera escondida em que palpita
Mais forte o nosso sangue !

Tu vês a gloria e o amor?—mixto incantado!—
São duas esperanças de um só goso !
Dois puros ideaes do mesmo anhelos !
Duas ilhas iguaes n'um mar formoso !
Dois raios immortaes de um astro bello
De um céu ignorado !

A gloria aqui na terra em vão se alcança
Quando morre abafado o sentimento !
O amor vive um instante e logo finda !
A inveja despedaça uma esperança !
Esmaga outra esperança o soffrimento !
E o homem sonha ainda !

Sonhos ! sonhos ! : o riso e a desgraça,
A miseria que a mão supplice estende,
O ouro que a desdenha e vae-se altivo,
O mais sublime goso, o ardor mais vivo,
E' tudo um sonho vão, sombra que passa
E ninguem comprehende !

Sonhar !... Sonhemos pois em quanto arde
Um livido phanal na immensidade
Do negro e turvo mal que na inclemencia,
Sulcamos, de profunda escuridade !
Em breve hade expirar a fria tarde
Do dia da existencia.

Então dormir !—sonhar talvez ainda !
Nas trevas do amargor gemer perdidos,
Sem a estrella gentil com que sonhamos !
Dormir ! sonhar ! meu Deus ! nos dias idos
Hora á hora rever a imagem linda
Dos sonhos que afagámos !

Depois uma saudade !—o desalento !
Depois a morte e os crepes funeraes !
Depois no rosto o pallido sudario !
No vazio do peito um cinerario !
Um tumulo sem nome !—o esquecimento !
Um sonho e nada mais !...

Abril de 1863.

XXXI

Todo y nada

Pois tu não vês nos ares scintillantes
O sol morrendo em ondas de fulgores ?
E assim, nadando no perfume, as flores
Largam ao vento as pétalas boiantes !

E o amor e a gloria, e os risos da innocencia
Afogam-se nas chammas da esperanza !
Tudo que busca a mente e pede e alcança,
Tudo succumbe e esvae-se na existencia !

Oh ! sonho ! oh ! luz de um paramo azulado !
Como te envolve o manto da orphandade
Doirando os haustos do prazer gozado !

Por mais que suba o peito na anciedade,
Por mais que desça a idéa no passado,
A alma é um sopro, a vida é uma saudade !

XXXII

Noite de estio

Quem tornou tudo fel quanto aprazia?

SA' DE MIRANDA.

Porque mostras, oh lua, branca e triste
A meiga face neste céu tão bello ?
Eu não amo os teus raios : a luz frouxa
De tua pallidez vem magoar-me !
Eu não amo-te, não ! : a tua imagem
Vem lembrar-me outros tempos, outras éras
Que doces me imbalaram apraziveis
Os dias da existencia !

Não te lembras

Das vezes que beijaste-me esta fronte
Quando eu, calado, extatico, te olhava
Tão cheio d'esperanças e d'anhelos ?
Quando eu interrogava-te, se acaso
A tinhas visto,—e pallida passavas
Deixando-me a sonhar fitando o espaço ?
Oh ! epochas bemditas de ventura
Foram essas talvez : amava e cria !
E quem ama e quem crê, quanto é ditoso !

Oh ! tu me achavas só quando nascias,
Pela esteira do val me debruçando,
Ou pela algosa encosta das campinas,
A namorar teu rosto ; á mesma hora
Talvez que em rudes cantos te saudava
O misero africano, e em ais sentidos
O *sem-fim* lamentoso, erguia langue
O seu piar funereo na floresta!...

Nunca mais volverão horas daquellas !
Nunca mais em meus olhos incovados
Hade verter o pranto o doce allivio
Da esperança e do amor ! Oh ! talvez nunca
Eu veja mais na terra um peito amigo
Em que possa encostar a exhausta fronte !
O ente que eu prezava mais no mundo,

A mulher de meus sonhos mais ardentes
Hoje está morta, pallida e perdida !
Bella ainda da luz, do incantamento
Das ethereas visões ; mas feia e torpe
Das manchas e dos vincos da maldade :
No corpo o céu conduz, o inferno n'alma !

Astro saudoso

O tempo da innocencia vae tão longe,
As noites em que aos raios teus fulgentes
Meus seios se expandiam de prazeres.
N'esse tempo eu queria-te, adorava-te,
Hoje não, que não posso mais fitar-te
Sem perder-me nas ancias da saudade.

Porque vens tu mostrar-me, oh lua meiga,
A branca face neste céu tão bello ?
Já não amo os teus raios : a luz tenue
Da tua pallidez me afoga e mata !

1860.

XXXIII

Quinze annos

E' amor que te illude e te mente,

E' amor que te hade matar.

GARRETT.

Quinze annos !—é um echo saudoso
Que nos traz o passado á lembrança :
Quinze annos !—é a doce esperanza
De um incerto bem longe porvir !
Quinze annos !—é a idade dos anjos,
E' de um vago prazer o desejo,
De temores, d'enleio, e de pejo
Niveas faces de leve a cobrir.

Quinze annos!—é um som magoado
D'harmonia que aos labios fenece ;
E' uma nota que a vida estremece
Nos estranhos assomos que tem !
Quinze annos !—é a c'rôa d'espinhos
Entre os laços dos louros risonhos ;
Quinze annos !—é a vida dos sonhos !
E é o sonho da vida tambem !

E' um inquieto scismar, um aneio
Que se queimã na luz da esperanza ;
E' um goso que inleva e que cança
N'um murmurio no seio a tremer ;
E' um fogo que abraza a innocencia,—
Que de um beijo entre o ser e o nada
Vai doirando esta fria morada,
Nos deliquios do infindo querer!

E esse sonho, esse goso, essa esp'rança,
Esse inquieto pensar, essa vida,
Essa nota no espaço perdida,
Que estremece e que foge subtil,
Esse fogo de languidas chammas
Que c'o pranto e o riso se casa,
E' o incendio que arde e que abraza
A pureza do olhar infantil !

Quinze annos!—querida, é o mundo
Que a razão inganoso arrebatá ;
E' o amor que seduz e que mata
Co'os occultos venenos que tem !
Não te vás entregar innocente
Da vertigem ao louco transporte !...
Quinze annos !—é vida e é morte!
E' o céu e o inferno tambem !

XXXIV

Poesia... real

Eh ! déjate de ilusiones,
pues como disse la copla,
los doblones son doblones
aqui y en Constantinopla.

A. DE TRUEBA.

—Que ancia, Maria, é essa !
Com que pressa
Tu vaes agora a fugir !
Não corras tão apressada,
Tão cançada,
Não corras, podes cair.

—Ninguem mais ha que nos veja,
Sertaneja,
Ouve um segredo,—só um !...
De sombra o sitio coberto
E' deserto:
Não vela um homem, nenhum.

—Não temas a noite, oh bella,
Sem estrella
Como hão-de ficar os céus ?
Não fujas, ouve... um momento...
Toma alento,
Não fujas anjo de Deus !

«Ai ! senhor, não me persiga,
Não me siga :
Eu só, não posso o escutar !
Talvez o fogo apagado,
Regelado
Póde estar o frio lar.

« E alli na casa isolada,
Jaz deitada
Minha mãe por sobre o pó !
Minha irmã innocentinha,
Coitadinha
Como hade dormir lá só ? »

—Tua mãe !... Um quarto d'hora
Não demora
Um breve instante de amor...
Tua irmãsinha deitada,
Gazalhada
Dorme na paz do Senhor.

—Não corras : olha o vallado,
No cercado
Tu vaes a saia romper !
Um beijo ao menos consente,
Um sómente :
Que crime póde isto ser !

Ai ! senhor, não me persiga,
Não me siga,
Eu só c'um homem ficar !...
Como heide ouvir-lhe um segredo?
Tenho medo,
Sou tão pobre : hão de fallar !...»

—Serás rica, muito rica,
Mas oh ! fica,
Não me deixes, linda e má :
Terás muito e muito ouro,
Um thesouro
Eil-o aqui tens... toma lá !...

«Meu senhor, porque me segue,
Me persegue ?
Eu só c'um homem ficar !
Tanto ouro.....tenho medo !
Um segredo !...
Diga !... Não hão de fallar?...»

XXXV

No baile

Como ella vai contente !
O par se inclina e falla :
Ella estremece e cala
E fita-o meigamente !

Vejam como lhe embala
O collo intumescete,
Da flor que lhe orna a frente
O aroma que ainda exhala !

Parece que aos effluvios
Dos labios seus risonhos,
Toda aquella alma em pejo,

Afoga-se em diluvios
De raios e de sonhos,
E vai morrer n'um beijo !

XXXVI

O trabalho

A' morte, á dor, á desgraça
Tudo que é vivo pertence :
 Tudo passa !
O homem trabalha e vence !

XXXVII

Inlevo

Para sempre, irmã dos anjos,
Aí! para sempre a meu lado,
Vejo o teu rosto adorado,
Sinto o rir dos labios teus!
Já teus olhos se illuminam
D'aquelle brilho celeste
Que nos céus os santos veste,
Que veste a face de Deus!

Eram os nossos destinos
Elos da mesma corrente,
Em que ao meu teu labio ardente
Um beijo intenso prendeu :
Tinhas a graça e a crença ;
Eu tinha a força e a vida :
Fui feliz, foste querida :
E's minha como sou teu !

Mesmo, ás vezes, quando a sorte
Me faz partir e deixar-te,
Em tudo cuido avistar-te,
N'um sonho que me seduz :
Lanço a minha vista ao longe
Pelo horizonte distante,
E lá vejo o teu semblante
No ar, na terra, na luz !

E's minha ! quando a tormenta
Rugidora, negra immensa
Me rouba a tua presença,
Que eu não posso ir ver-te emfim,
Como um suspiro saudoso
Ouço no bramir das aguas,
Que vem dizer-me, entre maguas,
Que pensas nessa hora em mim !

Fez-nos um só este affecto :
O teu e o meu pensamento
Surgiram n'um só momento,
Unindo o meu ao teu ser ;
E por isso as nossas almas,
Ligadas no mesmo abraço
Vivem do mesmo canção
Choram do mesmo prazer!...

Como és bella assim tão minha !
Como tens na fronte altiva
Essa aureola de luz viva,
Esse incanto, esse poder,
Essa chamma que só arde
Na divina azul morada,
Ou n'um puro olhar de fada,
Ou n'uns seios de mulher !

XXXVIII

Aspiração

A LUIZ C. P. GUIMARÃES JUNIOR

I

Eu sinto n'alma que a paixão devora
Um fogo intenso que indomavel arde :
Nem risos dá-me a perfumada aurora !
Nem sonhos traz-me o desmaiar da tarde !

Não ! eu não posso de prazer bemdicto
Banhar meus labios n'um sorrir dos céus !
Curvado ao peso do soffrer maldicto,
Arrasto a vida deprecando a Deus !

Eu canto á sombra da gentil mangueira
Que encobre altiva do riacho a praia :
Choro ! e sorri-se a natureza inteira !
Folgo ! e no peito a minha fé desmaia !

II

Não sabes o que é viver-se
Entre o desejo e o quebranto :
Sóltas alegre o teu canto,
Vem tudo sorrir-te aos pés !
Os céus, a terra e os mares
Amam-te a lyra tremente ;
Nas delicias do presente
O teu futuro entrevês !

Amam-te os risos da aurora ;
Amam-te os genios da selva ;
Amam-te as auras que a relva
Perfumam de grato olor ;
Amam-te os cedros da encosta ;
Amam-te os bosques sombrios ;
Amam-te as aguas dos rios ;
Amam-te as aves,—a flor.

Ama-te a lua soidosa
Com seu clarão desmaiado ;
E o branco lyrio inclinado
N'haste branda que o sustem ;
Amam-te a noite e o dia ;
Amam-te os echos da terra,
Gemendo de serra em serra,
Levando o teu canto além !

Se o vento sacode o espaço,
Ama-te o vento—se gemes,
Se páras mudo, se tremes
Diante da imagem de Deus !
E no fragor da procella
Ama-te a rija tormenta,
Se pavorosa rebenta
Na terra, no mar, nos céus !

Se foge um sonho perdido,
Nasce-te um sonho mais bello :
Em cada sonho um anhelos,
Em cada anhelos um prazer.
Riem-se os anjos, se folgas ;
Se tu suspiras saudoso,
Em mais de um rosto formoso
O teu desgosto vais lêr !

Oh! como é bom ser amado!
Vêr o mundo, o mundo inteiro
Sorrir-nos sempre fagueiro,
Mil gozos dar-nos dos seus!
Ter em cada hora um affecto,
E n'esse affecto divino
Ter o motivo de um hymno
Na terra, no mar, nos céus!

E assim, poeta ditoso,
Dos teus triumphos seguro,
Ao vate humilde, obscuro,
Estendes bondoso a mão.
Bem haja a doce amizade,
Que em terna e doce alliança
As fronte's hoje descança
Do irmão no seio do irmão!

Oh! somos irmãos! na vida
Visamos uma só méta:
O Deus que fez-te poeta
Fadou-me tambem cantor!
Tens a gloria—eu o martyrio!
Tens hymnos—eu tenho cântos!
Os meus pobres—os teus santos!
Tu de prazer—eu de dôr!

III

Mas quem sabe se eu posso inda um dia
Desterrar de meu peito o amargor :
Forte e crente, saudando a alegria,
Erguer-me inda nas azas do amor !

Dos teus louros um ramo de trança,
Vem com elle esta fronte cingir :
Tenho uma alma—inda sinto a esperança !
Tenho um peito—inda posso sentir !

D'estes labios queimados nas fezes
Que a desgraça em meu seio vazou,
Tu verás que, sorrindo aos revezes,
Ha-de erguer-se uma voz—aqui estou !

Ai ! verei se a minha harpa esquecida
Póde em sonhos saudar o prazer !
Ai ! verei se as memorias da vida
Pódem inda das cinzas se erguer !

Vem cingir um só louro jucundo
Sobre a fronte do humilde cantor :
Tu que folgas nas festas do mundo !
Tu que cantas na voz do Senhor !

Setembro de 1862.

XXXIX

A ultima luz

Um dos Cezares de Roma,
Vendo a morte junto ao solio,
Como em nitida redoma,
Quiz deixar o terreo espolio.

Mas ao ver a urna mesquinha,
Disse : «A fama, a gloria, a vida,
Que o mundo apenas continha,
Vão caber nesta jazida !...»

Oh ! que se a luz da virtude
Lhe-doirasse o ultimo véu,
Não fitára o ataúde,
Erguêra os olhos ao céu !

XL

A morta

Um dia ella incostou-se no meu hombro

E disse-me: «Estou morta!»

Fitei-a doido e tremulo de assombro...

E acrescentou: «Que importa?

« Isto tinha de ser! Foi o destino,

« O abysmo que fascina,

« Que attrahe, que arrasta a victima sem tino,

« Que as vontades domina!

« Eu vi que ia rolar no precipicio :
 « Medi-lhe a fria aresta ;
« Medi toda a extensão do meu supplicio !
 « Hoje nada me resta,
« Que eu não conheça já de ancia e quebranto,
 « De desespero e magoa !
« Tu me apertas a mão gelada em pranto,
 « E o meu peito é uma fragoa !
« Coragem !... Não choremos !... Oh ! que tarde...
 « Oh ! minha mocidade !
« Não ha lugar aqui de que eu não guarde
 « Uma immensa saudade !
« Sabes o que eu quizera ? o meu desejo ?
 « Era subir o incosto
« Alli da serra, ao ultimo lampejo
 « De um dia assim de Agosto,
« E lá dormir sorrindo a este deserto
 « Até o extremo lance !
« E esperar que se córte o fio incerto
 Ao meu cruel romance !
.....
.....
.....
.....
« Vês que me escalda a fronte embaciada ? !...
 « Oh ! vai chegando o fim !...
« Eu tenho horror ao vacuo, á sombra, ao nada !...
 « Quem rezará por mim ? !...

Pobre creança! as lagrimas do orvalho
Vão lhe-pouzar na cruz!
E do esteril chorão, o sol no esgalho,
Dá-lhe um beijo de luz!

XLI

No tumulto de uma creança

Aos frios da alvorada,
Olhaste em pasmo os céus :
Pizando a morte e o nada
Alma entre os sóes librada,
Foste dormir sem véus,
Na luz, no espaço, em Deus !

XLII

Renovare

Quando eu cheguei, meu Deus, a casa era deserta!
Na parede sem cal, de musgo já coberta
Teciam o seu ninho os sordidos reptis!
Vazio estava o tanque aonde de soslaio
Batendo o sol brotava em seu extremo raio,
Em ondas de cristal espumas de rubis!

Ao terreiro isolado o matto dominava ;
A gramma pela cerca em feixes se inroscava,
Onde apenas a rola erguia-se a gemer :
Era alli que, de tarde, as filhas do *aggregado*
Vinham todas correndo a ver entrar o gado,
E que eu ia tambem por vel-as a correr.

A floresta sem fim, immensa verdejante
Já não vestia o monte : a chamma crepitante
Veiu após o machado ; e frio estava o chão!
Ouviam-se de longe os negros reunidos,
Ao peso do trabalho eterno comprimidos,
Como em terna saudade, erguer rude canção.

E mudo eu contemplava os restos do passado !
Era tudo sombrio, inerte, desolado,
Como o espectro feroz que a solidão gerou !
Em tudo resoava o hymno do impossivel
Cantado ao meu ouvido em sua voz terrivel
Pelos ventos mortaes que o tempo alli soprou !

E mudo eu contemplava os sítios tão saudosos
Aonde os dias meus passei—os mais ditosos !
Oh ! quem póde olvidar da infancia os puros céus !
A terra em que sorriu no seio da mãe terna !
Em que tambem chorou prevendo a dor eterna,
Em despedir-se della, ao derradeiro adeus !

O calvario fatal não é ao fim da vida :
Em nossa mocidade a cruz está erguida !
Descendo-se de lá, por entre agudos ais,
Não vive o corpo já ! cadaver miserando,
Se os areaes do mundo em sangue vai banhando,
E' que as chagas se vão sómente abrindo mais !...

O calvario fatal é a infancia, muitas vezes,
Quando ao peito nos desce a dor até as fezes,
E que da mesma esp'rança um raio mais não luz !
Quando achamos somente em nosso vão delirio,
Pelas gotas de mel—a esponja do martyrio !
Por leito de descanso—os braços de uma cruz !

E' quando, á nossa volta, a casa está deserta,
A parede sem cal, de musgo já coberta,
Quebrados os portaes, as telhas a tombar !
E' quando, recordando as scenas doutra idade,
Saudamos do passado as sombras com saudade,
E, triste paga, oh Deus ! ninguém nos vem saudar !

Olvidam-se da vida as mais acerbas dores !
Olvidam-se as paixões e os virginaes amores !
Mas quem póde esquecer da infancia os puros céus ?
A terra em que sorriu aos beijos da mãe terna,
Em que tambem chorou, prevendo a dor eterna
No transe derradeiro, ao derradeiro adeus !

XLIII

Desalento

Triste estás! ao teu semblante
Que um sorrir difficil trahe,
Sóbe a chamma agonisante
De um clarão que rompe e cae!
Brilha sim o teu sorriso
Desse albor do paraiso,
Dessa paz que existe em Deus!
Mas é como o sol nas brumas,
Ou concha d'oiro entre espumas
D'insondaveis escarcéus!

Como o goso, o lucto ás vezes,
Nos labios doira o sorrir,
E, por vencer os revezes,
Vence em nossa alma o sentir !
Tal no espasmo da agonia
Sorve um hausto a bocca fria
Das venturas eternaes !
Tal teu riso amargo e preso :
Cirio entre esquifes acceso !
Arminho em crepes feraes !

Vae-se a esp'rança de nossa alma
Em busca de céus azues,
Vae-se n'um sonho de calma
Aos vitreos campos da luz ;
Vae-se pascer da saudade
D'uns tempos, d'uma outra idade
Em que uniu-se ao Creador ;
Vae-se de amor na atroz ancia
Beber morte na abundancia
De tanta vida e fulgor !

Oh ! morte sim ! que tombada,
Descida aos choques do ar frio,
Céga da eterna alvorada
E'-lhe a terra antro sombrio !
Flôr de esplendidos matizes

Vem solapar-lhe as raizes
A lympha em que se espelhou!
Folha no outomno viçada
Sente furtiva a geada
No orvalho em que se banhou!

Ha entre nós semelhança,
Pois que tu soffres como eu :
Um de nós foge, outro avança!
Um busca o inferno, outro o céu!
Tu, das glorias no caminho,
Eu na vereda do espinho,
Temos a mesma afflicção:
Eu por ver teu vão delirio!
Tu por meu cruel martyrio!
Ai! ambos pela paixão!

Por ver-me no ultimo transe,
Captivo de um ^{lado} ~~poço~~ máo
Sem da escada achar o alcance,
Voltar degráu por degráu,
No riso que o pranto véda,
Medes o espaço da quéda
Que me aguarda e a ti talvez!
A vertigem do quebranto
E' tão fatal póde tanto
Que eu tambem rio, bem vês!

E porque has-de ao meu supplicio
Votar a vida infeliz,
Se o teu puro sacrificio
Não lava os males que eu fiz !
Foge a Deus, anjo sublime !
E, se ainda é tempo, redime
O teu perdido laurel !
A Deus anjo de conforto,
Tu dirás que no meu horto
Eu snei bagas de fel !...

Dá-me o derradeiro abraço
E volta ao mundo ideal,
Quero-te sombra no espaço
E não flor neste areal !
No teu vôo a aza formosa
Será a nuvem de rosa
Que eu veja em meu stertor !
No horizonte o throno assume,
Sol, visão, raio, perfume !
Abrange os ares condor !

Triste estás! Ha nesse afôgo
Do teu riso aberto em vão,
Um gemido, um ai, um rogo
De uma longa aspiração !...
Ao meu peito exausto, flebil.

Unindo o teu seio debil,
O que havias tu de esp'rar ?
Junto a mim como podias
Ter mais amplas alegrias
Do que este allivio de amar? !...

XLIV

Caô-póra

A M. F. DE CAMPOS SALLES

E' noite. A lua na extensão celeste
A curva senda mais de meia andou,
E o brilho escasso que a espessura veste,
Qual veu sinistro pelo val baixou.

Tudo é silencio na deserta plaga :
Ninguem sosinho por alli vagueia ;
A voz do rio que a planicie alaga
Só vem de manso murmurar na areia.

Por entre as voltas de subtil caminho,
Calado vulto da floresta sai :
Bem como a pomba que perdesse o ninho,
Tacteia as folhas que roçando vai.

Nos seios lindos que o tremor dilata
Quanta belleza não descobre o arfar !
Quantos mysterios que o pudor recata,
Não se adivinha no seu morno olhar !

Cobrem-n'a—castos, virginaes adornos,—
Singellas pennas de extremado alvor,
Do corpo airozo nos gentis contornos
Mostrando as graças em que brinca o amor !..

Ai como é linda ! ; mas o afflicto pranto
Que os labios cresta rescaldando o seio,
Como em vertigem de lethal quebranto,
Banha-lhe a fronte no funesto aneio.

Ai como é linda ! : no moreno rosto
Perpassa o emblema do pezar sombrio,
—O roixo vinco do feral desgosto,
Que envolve a alma que a paixão feriu !

Qual echo torvo que abalou o espaço,
De cedro immenso que no chão rolou,
Gigante fero de um aspecto baço,
Um uivo tredo e infernal soltou.

O estranho póрте do colosso horrivel
Por sobre as mattas lá no ar campêa:
Os pés em terra e o *cocar* temivel
Por entre as nuvens com o vento ondêa.

Furia dos bosques—o eternal *Caô-póra*,
Quando porcorre vagueando alli,
O mundo inteiro de pavor descóra,
E as tribus gritam pelo Deus-Tupi.

E' elle! é elle! e a sonhar que mimo!
A virgem erra na floresta a sós:
Ella tão fraca, sem nenhum arrimo!
Ella tão perto do tremendo algoz!

Ei-lo que chega! Na afflicção do susto
No olhar que aos anjos soluçante vôa,
A pobre envia, reluctando a custo,
O ultimo raio da infantil corôa!..

Assim das ribas que o sereno afaga
Some-se o orvalho que no ar se esvae :
Assim dos olhos que a innocencia alaga,
Borbulha o pranto da esperanza e cai !

Como elle a estreita no deliquio infrene !
Que beijos dá-lhe na macia tez !
Ai ! monstro informe, teu gozar perenne
E' dar a morte em que o prazer revês !

Fitou-a ! Ergueu-se no mortal canção ;
Deixou-a exangue no stertor final !
Rouco bramido que abalou o espaço
Restruge ao longe como um som fatal !

E' delle o grito ! repetiu-o a serra
Em longos echos prolongando-o alem :
E o baque surdo que feriu a terra
De um corpo inerte resouo tambem !..

Entanto a lua na extenção celeste
A curva senda com vagar mediu ;
E o brilho escasso que a espessura veste
A pouco e pouco desmaiou, cahiu.

A essa hora na longinqua *taba*,
Com ancia e choro procurou-se **alguem...**
Era ella—a virgem! mas que d'ella saiba
Ninguem existe, não a viu ninguem!

*
* *

No outro dia quando a aurora veiu
Doirando as grympas das montanhas lá,
Pallida a frente, euregelado o seio
Foram acha-la, mas sem vida já!

XLV

A uma noiva

Foram-se os dias em que a chamma fervida
As nossas almas n'uma só prendeu :
Rolou o tempo dos sonhares rapido,
O tempo o elo desse amor rompeu !
Vi alva a estrella da esperanza fulgida
Vagar incerta, desmaiar, pender !
Hoje extinguiu-se : nem seus raios lividos
A exhausta fronte me farão erguer.

Tu a mataste seductora e barbara !
—E o ceu dest'alma sem a luz ficou—
Teu veu de noiva foi o manto pallido
Que á face della a tua mão lançou.
Vê como bate neste peito gelido
Negra pancada o coração—de dor !
Nem mais responde em geniaes caricias
O teu que ao triste já não vota amor.

Sonhei-te pura, quando á face candida
Subia o pejo do infantil receio ;
Sonhei-te bella—de belleza angelica ;
Sonhei-te innoxio e de pureza o seio.
Mas hoje sombra de pungente duvida
Me escalda a mente de funesto horror ;
E o sol de gozos que eu sonhára 'impido
Toldou-se em nuvens de funerea côr.

Olha que esta alma de empedrada e rigida,
Já não se eleva a um pensamento, ao ceu ;
Nem mais da gloria no palpito indomito,
Murmura os hymnos que ao porvir teceu !
Tudo acabou-se ! : no tormento lugubre
Só tenho prantos ! a chorar, bem vês
Que a dor aguda dia a dia augmenta-se
E vai em lucto me assombrando a tez !

Mas não importa! no gelado marmore :
Que guarda os restos da febril paixão,
Não te ajoelhes, não derrames lagrimas
Que ás cinzas negras o calor não dão.
Se inda em teus labios perpassassem vividas
Punicias rozas da innocencia a abrir,
No frio embate do sepulchro esqualido
Vinham finar-se, adormecer, cahir!

*
* *

Ai! não te lembras da formoza estancia
Que a nossa infancia d'illusões povoou?
Da vez primeira que arquejando em susto,
Teu labio a custo sobre o meu roçou?
D'aquelles trances de incantados pejos?
D'aquelles beijos de incantado amor?
Timida e rubra como então sorrias,
Como tremias do meu louco ardor!

Depois, das mattas alvejára a lua
Na espadua nua que eu prendia em min ;
E tu de afflicta me fitaste altiva,
Lagrima esquiva derramando emfim!..
Que noite aquella de ternura e medo!
Tremulo e quedo nem fallar podia!
Quando eu chegava, contra o meu, teu seio,
Meu Deus! que inleio nos teus olhos lia!..

Oh ! foi um sonho de infantil loucura
Toda a ventura que eu previra então :
Sombra perdida que ficou distante,
Fôrma radiante de infernal visão !
E o tempo e a vida desfazendo a imagem
D'essa miragem que prendeu-me a ti,
Deixaram êrmo no horisonte escasso,
O immenso espaço que entre raios vi!..

*
* *

Oh ! vai-te ! vai-te ! quando em frio tumulto
Um dia a sorte me fizer jazer,
Essa grinalda, da tua fronte tepida,
A' cruz do morto vai eutão prender ;
E diga a louza :—Foi poeta : credulo
Uniu-se a ella na febril paixão :
Ella era a noiva—o infeliz foi victima,
Victima triste da mais vil trahição!—
1860.

XLVI

Ai! não quero o teu perdão!
Dóe mais assim o teu riso
Pallido, fraco, indecizo,
Entre a dôr e a compaixão!
Dóe mais a quem não dezeja
Da tua glacial bondade
Esse rasgo de piedade,
Que o sentimento lampeja
E tem no fundo a razão!

Sei que és aujo!: a vaga flamma
Desses teus olhos derrama
O suave incantamento
Dos esplendores do ceu:
Rasgando o cadente veu,
No derradeiro momento,

A alma pura da infancia
Não dá mais doce clarão
Ao rosto, que inda em botão,
Da vida perde a fragrancia !
Sei que podes impaciente,
Desferindo o vôo aos ares,
Librar-te ás nuvens, condor !
E não ver mais dos palmares
O ninho fragil pendente,
No convulsivo tremor ;
E não avistar ao longe
O bando das borboletas
Afflictas, doidas, inquietas,
Afangando a tua imagem
No claro espelho do rio ;
E não sentir a bafagem
Entre as sombras da ramagem
Nas horas frouxas do estio ;
E sonhar, pedir venturas
No infinito das alturas,
Entre os eleitos de Deus,
Entre os proprios raios seus !

Mas oh ! não tentes um dia,
Ave perdida, ao teu ninho
Voltar ! que o ramo sorprezo,
Do renovado carinho,
Ao vir de novo o teu pezo,

O ramo se ha de quebrar,
E ha de, infeliz, sêccar!...

*
* *

Eu vivi desse olhar féro,
Do teu olhar impassivel:
Segui teus passos na terra,
Como de um sonho impossivel
Buscando o adejo extinguir.
E vi teu vulto incantado
Immovel, quêdo, parado
Nos umbraes do meu porvir!
Como no tôpo da serra,
A cruz na campa do morto,
Que fecha um antro de dores
E abre as portas de um horto
Onde se estão a ver flores,
Varias na fórma e nas côres,
Iguaes no aroma e fulgor,
Flores de um mundo melhor!
Vivi na doida esperança
De te ir um dia alcançar!
Como eu era então criança,
Que eu nem sabia pensar!..
Quiz subir o morro agreste
E, cingindo a verde espalda,
Onde a magnolia se veste
Das côres meigas da opala,
Ir apanhar-te a grinalda

Nessa avalanche de galhos,
Que em vez de neve resvala
Pela esteira da espêssura,
A' superficie do val!
Foi esse ardor, oh loucura!
Foi esse todo o meu mal!
Ai vivi! e hoje não dêvo
Occultar-te o mago inlevo
Que me foi esse viver.
Lembro-me até com saudade,
Com um certo acre prazer,
D'aquelle immenso delirio
Em que eu senti-me perder!
Ha saudades do martyrio:
Ha sim! quando elle se expande
Na paixão, no amor, tão grande,
E as forças todas comprime,
Nessa vertigem sublime,
Nesse acabar sem morrer,
Ao dezejo, á ancia, á prece
Que se eleva pela messe
Que na vida hade se erguer!

Depois! daquelle rigor
Como é que veiu o torpor,
A indiferença, o regêllo,
Esse abandono ou desdem
Que o teu semblante hoje tem?

Ai ! teu sorriso tão bello,
Que eu vejo em sombras fataes,
Que inda agora vejo eu louco,
Para dar vida era pouco !
Para matar-me é de mais !
O arbusto verde que ostenta
Força de viço e vigor,
Cresceu do ar que lhe augmenta
No dia o ardente calor :
Quando cae, quando se dobra
A's rajadas do suão,
Somente o alento recobra
Ao roçar fossos immundos,
Correndo os sulcos profundos
Que a chuva deixa no chão !
Mas se a luz rompe no céu,
Mas se vem sol, ai ! morreu !
Não tenhas, pois, compaixão :
Se entre lagrimas desata,
Em teu sorriso a paixão,
E' o teu abraço homicida !
Dóe o beijo na ferida !
Ao pé da affronta que mata,
E' nova injuria o perdão !

XLVII

A partida

Vi de longe o teu rosto afogueado
Volver-se ainda á casa em que eu ficava :
Pude enxergar teu vulto! e, apóz, doirado
O ultimo raio com que o sol te olhava !

A luz dava á expressão do teu semblante
A vaga pallidez, o traço aereo
D'uma visão que passa agonisante,
Em noite fria, á sombra do mysterio !

Eu fiquei só! Nas voltas do caminho
O teu perfil descia vagaroso,
Como um astro que cae do ethereo ninho,
Terra á terra, no disco luminoso,

E vai sumir-se pelo espaço extenso,
Correndo o sulco do seu gyro escripto
Nas ondas desse mar sem fundo, immenso,
Que abrange e estende as praias do infinito!

Eu fiquei só! No cômore do açude,
Que corta e prende as aguas da corrente,
Por onde sóbe o trilho ingreme e rude
Ao campo, ao bosque, ao canavial gemente,

Alli restava mudo e solitario
O incosto agreste e o toldo que o cobria,
Onde, como em um nitido sacrario,
Meu peito em febre ao teu sorrir se abria!

Tu choravas então do intimo gosto
Que verte n'alma esse ideal, essa ancia,
Daquellas tardes languidas de agosto!
Daquelles trinos d'aves na distancia!

Como eu cantava então ! teu labio haurindo
A chamma, o viço dos laureis risonhos !
Que azul profundo no horisonte infindo !
Que inlêvo de paixão naquelles sonhos !

Iam doidos os echos pela escarpa !
Froixa cadencia aos ares inundava !
Era um murmurio o amor ! teu seio era a harpa !
Tu me olhavas tremendo e eu te beijava !...

Oh ! mocidade ! falla, canto, rogo,
Prece longinqua, timida, illusoria
De um céu que entramos por umbraes de fogo,
E onde se morre de esperança e gloria !

Amei-te muito ! muito ! em doces beijos
Eu daria o meu ser a ti, sem pezo :
Ou p'ra morrer de vida em teus desejos...
Ou p'ra viver da morte ao teu desprezo !...

Talvez não sejas mais do que uma sombra
Que deixa apoz de si tenue fumaça :
Perfume esparso pela molle alfombra,
Quando o vento da tarde á flôr se abraça

Talvez não sejas mais que um som perdido
De ignota harmonia—oculto goso,
Que passou a tremer por meu ouvido
E que o meu coração procura ansioso!...

Vi de longe o teu rosto ! : muda e fria
A solidão em nevoas te cercava !
Tudo findou-se : o amor !... a voz !... o dia !...
O ultimo raio que o teu ser doirava !...

XLVIII

Fascinação

Quando passaste junto a mim radiante,
N'aquelle instante de atracção fatal.
E que em teu seio a virginal fragrancia
Arfava na ancia da volupia ideal ;

Como um murmurio que a amplidão consome
Disse o teu nome entre a esperanza e a dor :
Senti que ouviu-me o coração somente,
Pois doidamente estremeceu de amor !

Mas no teu rosto que inundava o pejo,
Igneo lampejo de subtil clarão,
N'um traço aereo que dos olhos desce,
Tremia a prece da innocencia então.

Pensei que vinhas soluçante e a medo
Como em segredo confiar-te em mim ;
Dizendo a custo: « Da paixão, desta hora,
Salva-me agora, e serei tua emfim ! »

Passaste ! e eu louco a procurar-te a imagem,
A' sombra, á aragem fui pedir-te alli !
Passaste ! e eu mudo, na explanada inculta,
Lagrima occulta derramei por ti !

Foi como o aroma que a florinha exhala,
Foi como a falla que no ar se esvai,
Aquelle sonho que roçou minha alma,
Aquella palma que esfolhou-se e cai !

XLIX

Murmurio

A matta
Fremente,
Cadente,
Desata
Vão rogo
De um hymno,
Sem tino,
Se o fogo
Sentiu l
Mas breve
Surgindo,
De leve,
Florindo

Baunilhas
Vem moitas,
Afoitas
Como ilhas
De um rio!

Oh seio,
Tal gemes
E tremes
D'inleio,
Fugace
Lampejo,
Se o pejo
Na face
Vai pôr :
E o gosto
Se occulta
No rosto,
Se avulta
A chamma
Perdida
Que a vida
Derrama
No amor !

Ai pobre !
Teu sonho
Tristonho
Descobre

Miragem
D'ignota
Paragem,
Que inflora
Nas côres
D'uma hora
Fulgores
Dôs ceus !...
Sabiãs ?
Tens medo ?
Segredo !
Não rias,
Por Deus !...

L

O Beijo

(EXCERPTO DE CAMPO-AMOR)

Desde a insciente atracção,
Beijo do iman glacial,
Subindo até a oração,
Ultimo beijo ~~natal~~ *mental*,
O beijo é a forte expansão
Dessa chyspa celestial
Que inflamou a criação;
E que em seu gyro immortal

Vai de crysol em crysol
A intensa chamma a verter,
Na atmospherã do ser,
Que de um beijo fez o sol.

Desde o berço ao ataude
O beijo, em cada uma vez,
Amor—diz á juventude,
Esperança—á meninez,
Ao homem feito—*virtude*,
Saudade—ao velho talvez !...

Pois tu não vês, Assumpção,
Que o beijo é a doce expressão
De um idioma universal,
Que vem n'um traço fatal,
De uma á outra geração,
E assim, de idade em idade,
Nos olhos dado é—*illusão*,
Dado na face é—*bondade*,
Sobre a fronte—*magestade*,
Aí! entre os labios—*paixão*? !...

LI

Sorriso de amor

Porque sorris quando os olhos
Sobre os meus olhos vens pôr ?
Sorriso que assim desdenha
Não é sorriso de amor !

O teu olhar sempre esquivo
Refulge, mas sem calor ;
 Bem mostra que nos teus labios
 Não ha sorriso de amor.

Se tu não sentes no peito
Da paixão fogoso ardor,
 Porque me prendes fingida?
 Porque me finges amor?

Da vida perdeste os sonhos,
Perdeste da vida a flor :
 Coração que tudo perde,
 Como ha de guardar amor ?

Oh ! não me fites esquiva
Com esse olhar sem calor !
 Se o ten sorriso desdenha,
 Não é sorriso de amor !

Setembro de 1861.

LII

Remorsos

Foi mal-fadada aquella hora,
Mal-fadado aquelle instante,
Em que o raio scintillante
Dos teus olhos eu senti!
Oh! noite maldicta aquella
Em que a esp'rança enganadora
Gerou-se de novo em mi!
Em que todo o meu ser prendeste
E o meu coração sujeito
Ao teu poder tu fizeste!
Em que ao morbido palpito
D'este meu turbido peito

Estranho calor trouxeste!
Maldicta a hora em que vi-te!
Em que eu perdi-me p'ra amar-te
E amei-te p'ra me perder!
Em que eu da terra esquecido,
Quiz insensato, atrevido,
Ao firmamento me erguer!

n

Era uma tarde, ao sol-posto,
A noite vinha já perto;
Vacillante a frouxa luz
Dava tímida em teu rosto.
O sitio estava deserto;
Corriam nuvens á flux;
Brando o pallido fulgor
Da lua, que despontava,
Das aguas batia á flor.
E aquella doce harmonia
Que envolve os restos do dia
No crepusculo expirava.
Passavas! Parei!... Tremi!...
Foi então, foi n'esse instante
Bella, divina, radiante
Que a vez primeira te vi!
Nossos olhos incontramos
Não sei porque mas coramos!...

Tu caminhavas ao templo ;
Eu, seguindo o teu exemplo,
Tambem quiz lá penetrar.
Vi que, ao fulgido clarão
Dos cirios do sanctuario,
Mais e mais o teu olhar
Do albor celeste brilhava ! . .
Vi que toda se ingolphava
A tua vista no altar !
E um jubilo infinito
Me dizia ao coração
Que este affecto era bemdicto
No ardor da tua oração !

III

Mas depois o incantamento
Todo, todo se desfez.
Eu ergui-me sobranceiro,
E tu cahiste a meus pés !
Da paixão rompeu-se o laço !
O sonho foi passageiro !
Tornou-se o gozo—cansaço,
O prazer—um fingimento
Que eu não sabia occultar.
Padeceste muito então !
Pois bem me lias no olhar
Todo o horrivel da trahição !
Que de tristezas sulcaram
As tuas faces queimadas !

Quantas, quantas se filtraram
Nos tens seios abrazadas !
Oh! quanto, quanto choraste !
Quanta lagrima sentida
D'essas lagrimas de fogo,
Que tanto mais tiram vida,
Quanto mais alma nos dão,
Verteste por mim em vão !
E como o orvalho gelado,
Que em fria noite invernosa
Cae sobre um cerro infezado,
Esteril, seco, maninho,
Em que só borbulha espinho,
Assim ten pranto em meu seio
Nem debil haste gerou !

IV

Um dia tu me disseste :
« Porque ten rosto celeste
« Tão severo se tornou,
« Quando estás ao pé de mim ? . .
« Se é preciso um sacrificio
« Com que te prove este amor,
« Vê se inventas um supplicio
« Que me faça eterna a dor ;
« Mas não me trates assim ! . . .
Eu de ti me desprendendo,
Eu, sem ouvir-te, parti-me ! .

—Foi o epilogo tremendo
Do mais deshonrado crime !

v

Desde então, ai ! que martyrios
Não me tem varado esta alma !
Como em ti a gloria, o crime
Vejo em mim sempre crescendo !
Quanto mais o mal me opprime,
Tanto mais santa vaes sendo !
Tu buscas do justo a palma,
Eu do precito os delirios !
Nós somos dois navegantes
Perdidos no mesmo mar,
Entre as ondas reluctantes,
Praia á praia a bracejar.
A ti coube-te o destino
De ver no claro horizonte
Entre as verduras do monte
O porto da salvação ;
A mim, que vago sem tino,
Sem de uma estrella o clarão,
Medonha surge-me aos olhos,
No dorso dos mil escolhos,
A morte em cada escarceu !
Tu, anjo resignado,
Tens o teu lugar marcado
Na tua patria, no ceu !
Eu pelas sombras curvado,

Sinto ja o fogo eterno
Das labaredas do inferno !

vi

Inda assim, se um teu sorriso
Me trouxesse o teu perdão,
Talvez ainda pudesse
Outra vez o amor sentir ;
Talvez ainda se erguesse
Das cinzas o coração !
Talvez ainda sentisse,
Regenerado por ti,
Os sonhos do paraíso
Que já de ha muito perdi !
Entre nuvem carregada
Deixa a lua um raio brando,
Nas horas da trovoada,
Vir o oceano banhar :
Assim podia o teu riso
No mar da minha existencia
Vir-me a procella doirar. . .
Mas oh ! não tenhas clemencia !
Que eu podéra ainda perder-te !
Desprezar-te ! escarnecer-te !
Sangra ainda em mim a chaga
Da perdição, que me alaga
D'este corpo as veias todas !
Da descrença a lava ardente
Tanto em mim funda lavrou,

Que até a propria semente
Dos bons instinctos queimou !

VII

Agora esquece-me ! Adeus !
Não ha bonança nos céus
A' quem nasceu desgraçado !
Devo seguir o meu fado :
Sou como o arbusto quebrado
Aos choques do turbilhão,
Elevo a fronte tremente,
Mas logo vem a torrente
E beijo de novo o chão

VIII

Adeus ! esquece-me ! adeus !
Não mais a minha lembrança
Occupe um sonho dos teus !
O destino se não cança
De fazer-me padecer :
Eu bem devia saber
Que não póde haurir venturas
Quem sorveu só amarguras
Já desde o berço ao nascer.
Nasci de trevas fataes !
Nasci em magoas e ais !
Nasci p'ra nunca viver !

Oh! maldicta foi a hora,
Essa hora em nos vimos!
Em que a chamma abrazadora
Da paixão em nós sentimos!
Maldicto o instante fatal
Em que eu te amei por meu mal!

Santos—Novembro de 1861.

LIII

A meu irmão J. Quirino do Nascimento

—NA PRIMEIRA FOLHA DO SEU ALBUM—

Recordando a vida
Que á voar passou,
Vendo-a—dor ou riso—
Tua alma não chorou?

Nessa idade linda,
Quando se é criança,
No gozar de uma hora
Temos a esperança.

Mas desdobra o tempo
Sua ignea aza :
No roçar ardente
Nosso peito abraza.

Vão-se da innocencia
Os laureis risonhos :
Vão-se os bellos raios !
Vão-se os meigos sonhos !

Vão-se, pois, os ledos
Gozos estridentes :—
E nos vem a idade
Das paixões ardentes.

Ancia—prece—anhelos,
Eis o que ella encerra :
Chammas, gloria—o céu !
Sombras, dor—a terra !

Quando o tempo quebra
O id'lo que adoramos,
E dos desinganos
Lento o fel libamos ;

Que nos resta ainda ?
—A ancia que não dorme !
Echo indifinido
Pelo vacuo enorme !

Quando aos frios annos
Descahir-te a testa ;
Quando ao homem velho
O lembrar só resta ;

Quando o que é speranza
For então saudade,
Seja-te este livro
Simb'lo de amizade.

Abre-lhe estas folhas,
Lê-as canto á canto :
Cada nome a um voto,
Cada phrase a um pranto!

Abre-as l da ventura
Restos caros são !
Vem, do irmão, do amigo,
Vem lembrar-te então.

S. Paulo—1861.

LIV

Saudades

—NO ALBUM DE J. E. DE CARVALHO MONTE-NEGRO, AO
PARTIR PARA A EUROPA

Nos seios d'alma os dezejos
Percorrendo a immensidade,
Passam, de idade em idade,
Nos aureos discos, a flux :
E o homem gasta a existencia,
Desfiando a rubra teia
Que une o sonho ao corpo e á idéia !
Que une a magoa á treva e á luz !

Vieste a nós. E esta terra,
Que é o paraizo do mundo,
Abriu-te o seio fecundo,
De mil raios ao fulgor :
Nos arrobos da ventura
O que achaste ao pé do gozo?
Imagens do lar formoso,
Da tua patria d'amor !

E voltas! mas no afôgo
Das afeições renascidas,
Ferventes, longas, unidas,
Junto aos teus ledos a sorrir,
Eu sei que, um dia, fitando
A extensão dos vastos mares,
Deste sol, destes lugares
Lembranças te hão de pungir !

A! assim és, vãn destino,
Ancia! miragem! cansaço!
Raiz, sem fronde no espaço!
Folha, sem haste no chão!
A vida é um raio que esvai-se
Entre a saudade e a esperança:
Tudo morre! tudo cança!
Ai! assim és, coração!...

LV

Sina

—NO ALBUM DE J. ANTONIO DE BARROS JUNIOR—

Era um sitio de esplendidos verdores,
E n'elle havia um placido coqueiro :
Matisavam-lhe os pés vividas flores
Que em ancias namoradas, delirante
La colhendo, ai doido e fino amante !
No liso espelho o trepido ribeiro !
Dava-lhe o sol cadente á aerea coma,
Em orlas de fulgor—n'um beijo—o adeus !
E em calido ciume a aragem vinha
A cahir-lhe nos seios. Oh que aroma !

Que murmurios d'amor que a aragem tinha!
Seria alli um ceu, se um anjo, ou Deus,
Se o proprio Deus—oh sim!—deixasse um dia,
Por um momento, a patria da harmonia
E viesse espraiaar no agreste incosto
Da verde moita—um raio do seu rosto!
N'um dos ramos da tremula palmeira
Vinha de tarde, em voz meiga e fagueira,
Um sabiá saudoso e solitario,
Nesse instante de languida poezia,
Como ás portas de um nitido sacrario,
Expandir o seu canto de tristeza:
Ai que notas do poema dolorido!
Ouviam-n'o só os echos da deveza!
Mas a cadencia, aos ais da natureza;
Como que hauria o espaço! e estremecia
Em nuvens d'oiro, ao ultimo sonido!..

*
* *

E passaram-se assim longos annos;
Nunca o terno a palmeira deixou:
Na collina, no val e nos planos,
Sempre, sempre o seu canto echoou.

A sua voz incantada e sonora
Já, de ha muito, a floresta aprendeu:
Se elle chora a floresta é que chora,
Se elle geme a floresta gemeu.

Mas um dia a palmeira, que erguida
Alli sempre arrogante se viu,
Pende as flechas, do vento abatida,
E entre as selvas quebrada cahiu.

Quando os raios o sol abrandando
Altaneira não mais a encontrou
Foi cahindo, cahindo, e baixando
Por detraz das montanhas tombou.

Nem a lua que brilha e não arde
Deu-lhe a cr'ôa de anreo matiz :
Nem o extremo reflexo da tarde
Foi beijar-lhe já morta a raiz.

Ai que negro, que fado mesquinho
Ao canoro e gentil sabiá !
Quando busca apressado o seu ninho
Acha o êrmo e a ruina só lá !

Passa : vai no horizonte distante,
Murmurar os gorgeios que tem ;
Vai perder-se n um mar fluctuante,
No oceano das sombras, além !

E depois, n'esse immenso dezerto
Solta o echo um gemer de amargor :
E' do pobre que vaga inda incerto,
No silencio da noite e na dor !

E correram assim muitos annos
Todo o sitio, já todo mudou ;
Na collina, no val e nos planos,
Nunca mais o coitado poisou !

*
* *

Ai ! é assim nossa vida na terra !
Temos nós este mesmo condão :
Quando o incanto do amor se descerra,
Perde o sonho a doirada. illusão !

Vão os nossos olhares perdidos
No passado a esperança buscar :
Voam lá entre os gozos já idos
Não a pódem jamais encontrar !

LVI

Hymno da Loja Independencia

Salve! oh templo, onde a morte abatida
Foge ao sol que a verdade conduz!
Em teu seio abre amor—força e vida
E a esperança nos raios da luz!

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra ao direito e á razão!
De nossa alma os protestos são estes :
—Honra e fê, caridade e união!

Ai! nos homens só vinga o cansaço
Quando o erro á discordia se uniu!
Onde a ideia nasceu, surge o braço!
A fé nasce, onde o affecto surgiu!

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra ao direito e á razão!
De nossa alma os protestos são estes:
—Honra e fé, caridade e união!

E entre nós o trabalho, a igualdade,
Aureos laços tecendo ao prazer,
D'entre os povos, de idade em idade,
Aos umbraes do infinito vão ter!

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra ao direito e á razão!
De nossa alma os protestos são estes:
—Honra e fé, caridade e união!

Dai passagem, oh peitos mesquinhos,
A' tarefa que temos em mãos!
Ella é grande e não temos arminhos!
Pobre e rico entre nós são irmãos.

Gloria a Deus nas alturas celestes !
Paz na terra ao direito e á razão !
De nossa alma os protestos são estes :
—Honra e fé, caridade e união !

Nosso riso aos pequenos consola !
Nós sabemos chorar junto á dôr !
Mas o alento da prece ou da esmola,
Nós cercamos nos véus do pudor !

Gloria a Deus nas alturas celestes !
Paz na terra ao direito e á razão !
De nossa alma os protestos são estes :
—Honra e fé, caridade e união !

O céu lindo, nos discos ethereos,
Rasga espaços ao nosso poder !
Eia, oh filhos dos grandes mysterios !
Oh ! coragem que havemos vencer !

Gloria a Deus nas alturas celestes !
Paz na terra ao direito e á razão !
De nossa alma os protestos são estes :
—Honra e fê, caridade e união !

LVII

O Sacy

—LENDÁ—

Que tens tu, oh Mariquinhas,
Por que é essa pallidez?
Tristeza que nunca tinhas,
Te inunda os olhos e a téz!

Ao terreiro, á horta e á cerca
Tu ias sempre a brincar;
E eu sempre a dizer:—Que eu perca,
A vida, se ella mudar!—

Como eu ficava contente
Ao ver-te os modos gentis !
E exclamava toda a gente :
« Como esta velha é feliz ! »

Quando passavas na roça,
Todos vinham-te ao redor :
Dizia um logo—« Que moça ! »
Outro em seguida—« Que flor ! »

Se não era mesmo incanto,
Ou couza de tentação
Tanta inveja a dar quebranto
A luz do meu coração !...

E eu tão crente na figa,
Na tua figa de marfim!..
Olha-me cá, rapariga,
Chega-te bem junto a mim :

Mariquinhas, minha neta,
A cauza toda já sei,
De andares tão inquieta :
Por certo que adivinhei.

Ha no matto destas terras
Um maldicto *Serêré* :
Salta campos, valles, serras,
E o bicho tem um só pé!

Toda aquella densa moita
Corre o medonho *Sacy* ;
Ninguém por ella se afoita :
E' *assombrado* tudo alli !

E' elle que vem horrêdo
Espantar aos animaes :
A noite toda correndo,
Ai ! quanto susto nos faz !

Oh ! foi elle quem tu viste
Que a tua face beijou . . .
Depois disso é que assim triste
A minha neta ficou ! . .

Mariquinhas, minha neta,
Neta do meu coração,
Não quero tê ver inquieta,
Inquieta mais assim, não !

Toma lá este rosario
Que um padre santo me deu :
Não ha sorte, nem fadario
Que resista ao que é do ceu.

Conserva-o sempre ao pescoço
Com sincera devoção,
Applicando um *Padre-nosso*,
Das almas pela intenção.

E quando o redemoinho
Levantar-se ao pé de ti,
Atira-o nelle mansinho
E prenderás o *Sacyl*

E depois, oh Mariquinhas,
Vai-se a tua pallidez ;
Tristeza que nunca tinhas,
Ha de acabar-se de vez.

Assim fallou a vellinha,
Em seu sizudo fallar ;
Aconselhou a netinha
E logo poz-se a rezar.

Mariquinhas magoada
Não responde á velha, não!
Ai pobre! d'invergonhada
Cravou os olhos no chão!

Mas, de noite, a janellinha
Do seu quarto se entre-abriu!...
E houve quem visse azinha
Que um vulto a ella subiu...

Como ella deixa á tal hora
Um vulto junto de si!...
Vão dizer á velha agora
Que não seria o *Sacy!*....

LVIII

A' memoria do Libertador

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

(A' F. RANGEL PESTANA)

Ei-lo o chão do sepulchro ! sob a louza
No ultimo somno emfim cahiu, repouza
 O vulto immenso, o heroe !
E na gelida fronte ao bravo, ao sabio,
Do anjo da gloria imprime um traço, o labio
 Que o tempo não corroe.

E era grande esse heroe ! na mente altiva
De libertar a patria ainda captiva
 O ideal concebeu ;
Era grande esse heroe ! livre nascido
Ai ! não pudera escravo ter vivido,
 Quem tão livre morreu !

Oh ! não pudera, não ! quando a tormenta
Ruge treda, ribomba, cai, rebenta,
 Rasga as nuvens o sol !
Elle, pois, como o sol irrompe e invade
O espaço enorme—o ceu da liberdade,
 Esplendido pharol !

Da mortalha sangrenta do Gonzaga
Da Africa adusta na longinqua plaga,
 Como em gotas de luz,
As lagrimas que o amor sagra ao baptismo
Das multidões, erguiam-se do abysmo
 Em aureo berço—a cruz !

II

Quando aos risos da alvorada,
Em ondas de fogo, ao dia
A natureza incantada
Os seus mysterios confia ;
As auras, passando a medo,
Correm levar-lhe em segredo,

Como em perfumes dos ceus,
Os effluvios da esperanza,
Nesse horisonte que alcança
Do olhar da terra até Deus !

Elle estremece ! : não dorme
Aquella cabeça, ai não !
Agita-lhe um sonho enorme
O pensamento e a razão !
Soldado, sabio e propheta,
Pelos cantos do poeta,
Corre-lhe em fio o amargor :
Quem sabe o que vai de raios,
Naquelles grandes desmaios,
Naquellas horas de horror !

E surge emfim, surge a aurora
Bella, radiante, do ceu ;
E o novo abutre descora
Deste novo Prometheu !
Ei-lo que rompe, que passa,
Que ás turbas quebra, deslaça
O torpe jugo servil !
N'ala dos povos, augusta,
Ergue a mão firme, robusta,
O estandarte do Brazil !

Já no cairel da voragem
Vacilla a sombra fatal,
Vacilla ao sopro da aragem,
Vacilla ao som festival
Dessa harmonia divina,
Que as proprias trevas domina
Firmando a escada ao porvir ;
A escada que abre ao infinito
Os mil degraus de granito
E que o povo hade subir !

E em que do inferno á vertigem
Tremeram, pallidos reus,
Os tyrannos, que inda a origem
Vão sondar aos escarceus
Do medonho pégo undoso,
Onde a lei não tem repouzo,
E não tem sacrario a luz !
Escada em que se desdobra
O veu que nunca sossobra
Do teu sudario—Jesus !

III

A noite vai alta, cortando o oceano
Um barco ligeiro se affasta da praia,
E um vulto elevado, de olhar soberano,
De muitos que dormem, parecê atalaia.

Quem era esse vulto? Seus vagos scismares,
Das ondas não corta-lhe o rijo stridor:
E só e calado, na furia dos mares,
Parece envolvido no immenso torpor.

Quem era esse vulto? Na sombra alongado
A margem que foge procura buscar!
Aos pés encapella-se um mar agitado!
Na frente agitada rebrama-lhe um mar!

E o lenho fugace rasgando o oceano,
As praias saudosas ao longe deixou;
E o vulto sombrio de olhar soberano
Curvando a cabeça cahiu, suspirou!...

E' elle, o proscripto! Na turbida frente
Saudades da patria lhe estão a pungir!
E embalde procura fitar no horizonte
A limpida terra que vae-se a fugir.

E' grande o proscripto! Se o sangue derrama,
Se arrasta a existencia no pranto e na dor,
Seu sangue suffoca despotica chamma,
Seus prantos são vozes aos aos pés do Senhor.

E' muito mais nobre vagar desterrado
Levando-se a honra por só galardão,
Do que sob os grandes curvar-se humilhado,
Do que ser cobarde, rojar-se villão !

E o peito opprimido se quebra ao proscripto
Por duras saudades da terra dos seus,
E só e calado, fitando o infinito,
Tremendo repetem seus labios : «adeus !»

IV

Depois do exilio volvendo
Inda morrer aqui veiu ;
O lucto negro trazendo
De tanta magoa no seio.
« Oh ! patria ! patria adorada !
« Nas minhas glorias sonhada,
« Eis o teu filho, aqui está :
« A mim que te dei a vida,
« Oh minha patria querida,
« A sepultura me dá !...

Assim diria inclinando
Aquella fronte a pender ;
Com esta terra sonhando,
Veit saudal-a e morrer.
Levante-se agora a historia,
Severa vingue a memoria
Daquelles feitos leaes !
Que importa se abandonado
O Ypiranga isolado,
Mudo phantasma alli jaz ? !

Onde estás, oh liberdade,
Meiga e triste a descorar ?
Deixas teus filhos, deidade,
Sem tua luz a vagar ! ?...
Oh ! quando talvez um dia
Transbordar esta agonia
Que o nosso peito corróe,
Toda divina a donzella
Surgirá muito mais bella
Da campa daquelle heroe !

7 de Setembro de 1861.

LIX

A' esperança

Deixa-me em teu regaço,
Oh ! pallida creança,
Beijar-te a loira trança,
Morrer n'um teu abraço.

Sou o atomo que dança
E perde-se no espaço ;
Que em sonho tenue e escasso,
Por entre os sóes te alcança

E bebe nos teus olhos
A lagrima que brilha
E te humidece o véu !

E segue, dentre abrolhos,
A luz que te abre a trilha
Nas curvas do azul céu.

LX

A gloria

A CARLOS FERREIRA

Oh dezertos fataes! Oh vacuo enorme!
Onde a saudade é o raio que não vê-se!
Onde a esperança é a sêde que não dorme!

Oh coração! teu sonho é a luz que desce
Do ar profundo a um páramo disforme,
Doirando o espaço entre a blasphemia e a prece!

A gloria é o mar: nas franjas de neblina
Entre-mostra o horisonte e tolda e afuma:
Nenhuma viração, talvez nenhuma
Abre de todo ao céu a aurea cortina!

Todas as ondas vão—uma por uma—
Beijar na praia a areia crystalina:
E dão somente á rocha que as domina
Amplio diadema em perolas de espuma!

JUIZO
DA
IMPrensa PORTUGUEZA E BRAZILEIRA
SOBRE A PRIMEIRA EDIÇÃO
DAS
ESTRELLAS ERRANTES

Chronica litteraria

ESTRELLAS ERRANTES PELO SR. F. QUIRINO
DOS SANTOS.—S. PAULO—1863

Desde alguns dias um livrinho de capa azul, mimoso e elegante, nos chama a attenção; vamos folheal-o em companhia do leitor.

Intitula-se *Estrellas Errantes*, está assignado pelo sr. F. Quirino dos Santos, e conta apenas 90 paginas de texto; tanto melhor.

Nas primeiras folhas encontra-se um prefacio, prologo, ou não sabemos que; algumas linhas em que o autor sauda o publico, faz as tres cortezias do estylo e pede desculpa...

Felizmente, não; estamos desta vez livres do eterno: «Eu sei que este livro não presta, mas... impinjo-o aos leitores.» Paula Brito dizia-nos outr'ora que não podia perdoar a esses autores, cheios de falsa modestia, que vêm dizer-nos que o seu livro nada vale, que está inçado de defeitos e erros, que poderiam fazer melhor, etc. Se a confissão é sincera, para que apparecem na arena? Se não é, para que mentir desde o principio?

O Sr. Quirino dos Santos, felizmente, livrou-nos dessa mofina. O seu prefacio—algumas linhas—tem por fim explicar o titulo do livro «*Estes versos*, diz elle...

Já vê o leitor que estamos em companhia de um poeta; *genus irritabile*.

E o sr. Quirino dos Santos parece-nos merecer o nome de poeta. No seu livro encontra-se originalidade e altivez de pensamento, graça e doçura de expressão, comprehensão do bello, amor da natureza, sentimento e paixão.

O livro agora publicado consta de varias peças destacadas, não ligadas entre si por uma idéa commum: são *estrellas errantes* no céu da poesia. Conhece-se que o poeta, tendo de apparecer ante o publico, escolheu o que tinha de melhor, de mais bem trabalhado: não quiz fazer um livro grande e suporifero, limitou-se a um folheto cuja leitura é rapida e amena. Outros ha que amoutoam pilhas de sonetos, duzias de acrosticos, quarteirões de idilios, centenas de odes, cantatas e outros bicharocos, e, fazendo de tudo isso um feixe, atiram-no á praça para pasto de ociosos e mais tarde de traças.

Ambos os systemas são bons, conforme o fim que se tem em vista. O autor das *Estrellas Errantes* prefere produzir bem a produzir muito. O volume que temos á vista, é o *livro primeiro* de suas poesias, denominação que nos promete um segundo livro.

A primeira composição tem por titulo—*Anhelos*.

No meio das conveniencias, das hypocrisias, dos pra-

zeres fictícios da nossa sociedade, o poeta sente-se triste, opprimido, aspira a uma outra vida :

Eu quizera viver neste deserto
Com meu amor á sombra da palmeira.
Oh! quizera ditosa nestes sitios
Ver essa raça primitiva e bella.
Ai! que viver, isento de cuidados
Não vivêra feliz no meio della!

A esta aspiração segue-se uma delicada pintura dos prazeres que teria o poeta nessa existencia simples :

Ouvir cantar o sabiá fagueiro,
E descendo do alto das peróbas,
Ver a pomba molhar-se no ribeiro
.....,.....
E depois accordar ao som do canto
Da araponga gentil, mansa a meu lado.

Salvando algumas expressões menos próprias, ou desnecessarias, reclamadas só pelo metro, toda essa composição é bonita, triste, tem a *saudade do desejo*, se assim nos podemos exprimir.

Quien ama no vive é uma peça cheia de mimo, no pensamento e na fôrma, e nella se sente a benefica influencia do author das *Folhas caídas* :

Quando em teus olhos scintilla
Por ente a negra pupilla

Essa luz vivida e pura,
Que nos meus se vem cravar,
Não sentes um vago, incerto
Palpitar pela ventura
Que tanto mais desaparece,
Quanto mais perto nos vemos?

Na luz *que vem cravar-se* nos olhos, ha grande felicidade de expressão; a intensidade do olhar que parte como uma seta, manifesta-se nessa phrase, que á primeira vista parece impropria.

Termina essa poesia com a descripção rapida da lucta entre

.....a materia que abate
O amor ao limbo da treva,
E o espirito que o eleva
Ao ideal do prazer!...
Pois isto assim é viver?

O canto que se intitula *Suzana, a Odalisca*, é mais uma das innumeradas poesias *orientaes* que todo o mundo tem commettido depois de Victor Hugo; no canto do sr. Quirino dos Santos ha ao menos riqueza de rima.

Prefiro a poesia denominada *A volta*. Ahi sente-se palpitar o coração do poeta, revendo os logares em que outr-ora se deslisaram os dias da sua primeira juventude ao lado da virgem adorada.

Como ainda me estão na lembrança
Essas intimas horas passadas,
Em que loucas as vistas casadas
Tinham tão elegante fallar!

Se o author não houvesse dito que as suas *Estrellas Errantes* correm pelo livro sem ligação entre si, buscaríamos uma relação entre a *Volta* e a peça que se lhe segue e começa assim :

Anjo do inferno ou do céu,
Esse poder quem te deu
Com que dominas assim?
Inda o meu amor persiste,
Inda em ti minhalma existe!
Inda tens imperio em mim!

Parece que é o amaute da *Volta* que, atraído, se indigna por não poder vencer a paixão. Nesta poesia como em muitas outras, o influxo de Garret é evidente.

Depois do despeito, da cólera, vem a supplica. Tenta o poeta abrandar o coração que já foi todo seu; de balde!

Volve os teus olhos aos meus,
Mostra que tens em ti mesma
Aquella porção divina,
Que á mulher bella illumina
Das puras chammas de Deus!

Piedade, anjo, piedade!
Não me crimines em vão!

.....

Oh! tu não tens coração!

Seja-nos permittida aqui uma breve explicação.

Mais de uma vez temos dito que estes nossos artigos não passam de estudos. Tratando do sr. Rebello da Silva ainda ultimamente o dissemos, mas não nos importa repetir, comtanto que essa idéa fique bem gravada no espirito do leitor. Se não temos a authoridade de critico, tambem entramos neste trabalho, despido de pretensões. Temos apenas um desejo e uma esperança. Queremos que haja uma litteratura nossa, não exclusivamente brasileira, o que nos parece impossivel, hoje que as sciencias, a arte, o commercio, a industria, toda a actividade do homem tendem a supprimir os oceanos, a eliminar os desertos, a acabar com as distancias, e a destruir as barreiras, a tornar o homem cidadão do mundo; queremos uma litteratura nossa neste sentido; que a carreira litteraria seja entre nós uma carreira; que o litterato seja litterato e não empregado publico, negociante, politico e não sabemos mais o que.

O que é preciso para chegar a tal ponto? Que haja leitores, que se cultive o gosto do povo e que o livro torne-se necessario. Será elle tal quando for interessante, quando fallar ao povo, quando tratar dos seus interesses, das suas necessidades, quando retratar o seu modo de sentir, de pensar e de viver.

Abundam entre nós os livros. Rara é a semana em que não recebemos alguma publicação litteraria; mas cumpre confessal-o, a maior parte não chega a viver um dia. Porque? São producções espontaneas de um terreno fertilissimo; ha uma ou outra flor que vinga, as demais nascem e murcham logo, porque lhes faltam cuidados da arte.

As mais decididas vocações transviam-se, esterilizam-se os melhores esforços quando não ha direcção. Na esphera litteraria, como em todas as outras, assim acontece. Temos fé em que os estudos de critica, que fazemos desde algum tempo, despertarão em quem melhor possa a idéa de encaminhar as nossas nascentes vocações litterarias, alentando o talento real, encaminhando-o na boa direcção e ao mesmo tempo arrancando as ervas parasitas que não servem senão para roubar a seiva ao arbusto que um dia póde ser arvore frondosa.

Aquelle é o nosso desejo; é esta a nossa esperanza.

Emquanto, porém, outra voz não se eleva, a nossa ha de soar, fraca, mas sincera.

Esse fim que temos em vista, não seria entretanto alcançado, se a cada momento hesitássemos na apreciação de uma composição litteraria, na enunciação do nosso juizo: perderiam assim a fé aquelles a quem tanto desejamos inspiral-a. Levados por esse principio vemo-nos muitas vezes obrigado a tomar a attitude severa de censor e outras a conferir gráas na hierarchia litteraria. Consola-nos a pureza da intenção.

Ha uma hora na vida—ima pelo menos—em que todo o homem é poeta, ainda mesmo nas regiões mais ingratas, onde o sol raro apparece, onde a terra esteril não se adorna com as gallas da vegetação.

Se isto é verdade, como poderá deixar de sentir-se inspirado o filho deste torrão, onde a natureza, cheia de pompa, entôa um hymno constante? Do peito solta-se espontaneamente um grito de a lmiração, que é sempre um cantico ao Creador; o coração pulsa rapido, goza-se e soffre-se muito em pouco tempo, neste andar da existencia sob o céu americano.

Mas, não é poetaa quelle que um dia, maravilhado ante o grandioso espectaculo do sol surgindo do mar e incendiando o espaço largamente elevou o espirito á divindade e marmurou seu hymno de adoração. O extasi continuado, a propriedade de ser attrahido sempre pela presença do bello, de adivinhal-o quando o commum dos homens não o vê, o sentimento delicado que estremece com a menor variação da luz, que apanha o perfume mais subtil, que escuta as harmonias mysteriosas das estrellas correndo no firmamento, das flores desabrochando nos jardins, das conchinhas balançando-se na babugem do mar, tudo isso é que constitúe o poeta.

Enganamo-nos acaso, quando ha pouco dissemos que o autor das *Estrellas Errantes* merecia o nome de poeta?

Creemos que não.

Ha nelle este delicado e fundo sentir, que se traduz em cantos ora cheios de energia, ora repassados de do-

cura e tristeza. A natureza encontra nelle interprete digno ; o coração humano diz-lhe seus segredos.

Não concluímos daqui que o sr. Quirino dos Santos ache-se em toda a plenitude do seu talento, que todas as suas composições estejam isentas de pequenos defeitos, que uma ou outra vez não se lhe possa encontrar uma falta de energia, de propriedade, uma apreciação menos exacta, uma nota menos afinada. Mas, não manda o mestre que se relevem as pequenas maculas, onde brilham as grandes bellezas ?

Temos já feito muitas trauscripções das *Estrellas Errantes*; faremos ainda outra. Queremos que o leitor aprecie ao mesmo tempo que nós, o livro do sr. Quirino dos Santos; queremos tambem justificar o juizo que formamos do poeta .

O filhinho da lavadeira é uma bella composição : o pensamento é poetico, a fórma casa-se perfeitamente á idéa. Nas margens do rio Atibaia, rolando na arêa, chora uma criancinha, emquanto a mãe—pobre captiva—lava as vestes dos senhores. Alli, na solidão, a filha da Africa se recorda das crenças de seus paes :

« Ai não ! que dos pretos as almas não morrem,
« Havemos de ainda p'ra os nossos voltar :
« As aguas tão livres dos rios que correm
« Nos levam bem vivos ao meio do mar.»

Lembra-se da patria que deixou ainda na infancia,
dos seus folguedos ; vê a agua correr para o mar, além

do qual está a terra africana; toma o filhinho nos braços, e, cantando, levada por seus pensamentos, por suas saudades, sem consciencia do que faz, vai docemente deixando-se arrastar pela corrente até...

Depois muito tempo, de manso boiando,
Sumiram-se os corpos nas voltas do rio.
Debalde procuram, procuram a escrava,
Se a pobre creança nem mais lá chorava!

O canto triste da escrava infunde tristeza no espirito, que pouco a pouco se acostuma a idéa horrivel do suicidio, e cada estrophe termina sempre com o chôro da creança :

E a pobre creança chorava, chorava!

Fôramos muito longe se quizessemos dar uma amostra, embora pequena, de todas as peças que têm incontestavel merecimento no livro do sr. Quirino dos Santos.

Deixamos, pois, de citar muitas outras poesias como *Renovare*, que lembra o *Lar* de Casemiro de Abreu; *Amor por dinheiro*, (*) graciosa canção que pôde comparar-se ás melhores do mesmo genero, escriptas pelo sr. Bruno Seabra; *Remorsos*, agradavel reminiscencia do *Adeus* de A. Garret, e finalmente o canto á memoria

(*) No presente volume esta poesia intitula-se—*POESIA... REAL*.

de José Bonifacio de Andrada, cheio de amor patrio, de vigor e de poesia.

O sr. Quirino dos Santos tem o dom de despertar o espirito abatido, de provocar as lagrimas, de inspirar o enthusiasmo. Seu bello talento presta-se á pintura dos sentimentos ternos e das paixões fortes com igual facilidade e felicidade. Foi-lhe confiada por Deus uma planta preciosa ; cultive-a com esmero, e cumprirá o seu dever, como nós cumprimos o nosso saudando-o.

J. C.

(Folhetim do *Correio Mercantil*, da Côrte, de 12 de Dezembro de 1863.)

Lettras e Artes

Dêmos o primeiro logar nesta revista aos nossos irmãos de além-mar. Apertemos com alvoroço a mão aos novos poetas que surgem no Brazil, n'essa terra abençoada, onde a poesia fluctua na atmospherá por entre as ardentes emanações de uma natureza esplendida, e cujo férvido sol faz florir os canticos no seio dos seus habitantes, como faz brotar os diamantes nas entranhas do seu solo

Temos que dar noticia aos nossos leitores não de dois talentos já formados, não de dois fructos litterarios já sazoados, não de dois astros chegados já ao zenith, mas, o que é talvez ainda mais agradavel para o chronista, de duas vocações noveis, de duas flores nascentes, mas contendo já em si os germens do fructo, de duas auroras em cuja luz risonha brilha a promessa do futuro esplendor.

Os dois poetas, cujo dospontar saudamos com alegria, chamam-se um J. R. de Oliveira Santos, o outro F. Qui-

rino dos Santos. Só no nome e na vocação se assimilham os dois poetas. Os seus talentos, ambos esperançosos, hão de seguir um trilho bem diverso.

O sr. Oliveira Santos, auctor do *Amor e Saudade*, não tem um estro que se arroje ás nuvens, e que procure novos caminhos nos luminosos espaços da poesia. Passarinho mimoso, segue a esteira já encetada pelos poetas portuguezes da moderna eschola, e vòa graciosamente, mas sem perder de vista os seus modelos.

O poeta do *Amor e Saudade* deve a si, como confessa no prologo, tudo quanto é e quanto vale. O desejo que tinha de se instruir, o gosto que nutria pela litteratura, fizeram-n'o vencer todos os obstaculos. Portuguez e beirão, filho de um pobre trabalhador, só conseguiu aprender a ler quando já entrava na adolescencia, e, comtudo, aos dezoi to annos, longe da patria, publicava n'um jornal do Maranhão una poesia, em cujos versos resplende o amor da terra natal, e que tem uma correção notavel n'um mancebo que forçosamente devia possuir então poucos conhecimentos litterarios.

Essa poesia intitulada *Portugal*, foi entusiasticamente acolhida pela imprensa brasileira. Animou-se com isso o auctor, continuou a trabalhar infatigavelmente, publicando no anno findo o volume de que damos conta, e onde se encontram poesias dignas, realmente, de serem citadas com louvor.

Como já dissemos, o poeta não nos deslumbra pela originalidade, mas os seus versos produzem, comtudo, uma agradabilissima impressão, pelo sentimento que

n'elles se respira, pela sua despretençiosa singeleza, e por um certo gosto que, estamos disso convencidos, ainda ha de ser apurado pelo trato familiar dos bons modelos.

O talento do sr. F. Quirino dos Santos, auctor das *Estrellas Errantes*, moço brazileiro, que reside em S. Paulo, differe completamente do talento do nosso compatriota.

O fogo juvenil inflamma todas as poesias do sr. Quirino dos Santos; as imagens, ás vezes incorrectas, atropellam-se denunciando a feliz exuberancia de uma phantasia prodiga, extravagante em algumas occasiões, que arroja perolas envoltas ainda frequentemente na outra grosseira. A sua musa, anhelando soltar o vôo nas regiões éthereas, despedaça todas as peias, e nem sempre o estro ardente do poeta se sujeita ás frias prescripções da razão e do metro.

Mas é um verdadeiro talento, um talento que ha de, para o futuro, occupar um dos primeiros logares na litteratura do seu paiz. A sua musa, *estrella errante* por ora, que vagueia caprichosamente, fogo-fatuo, que brilha aqui com muito fulgor, para se escurecer mais adiante, e para brilhar de novo, ha de tornar-se em *estrella fixa*, e ser um dos astros mais esplendidos da pleiade litteraria do Brazil.

Na poesia *Renovare*, uma das mais formosas do livro, revelam-se claramente as boas qualidades e os defeitos do sr. Quirino dos Santos. Ha arrojio na idéa, arrojio na metrificaçào, que é em alexandrinos, verso ainda pouco

domado, e cujas regras são raro conhecidas, sentimento e uma certa originalidade. Em compensação tem versos errados, (*) e uma ou outra imagem incorrecta. Citaremos uma das sextinas da poesia, onde se sente uma verdadeira inspiração :

O calvario fatal é inda em verdes annos,
Quando o peito nos rasgam atrozos desenganos (1)
E até da mesma esp'rança um raio mais não luz!
Quando achamos sómente em nosso vão delirio
Pelas gotas de mel—a esponja de martyrio
Por leito de descanso—os braços d'uma cruz!

Aqui sente-se a chamma sagrada! Quem se estreia escrevendo assim, está longe de ser ainda um versificador irreprehensivel, mas poeta é, e devéras!

M. PINHEIRO CHAGAS.

(Annuario do *Archivo Pittoresco* de Fevereiro de 1864.)

(*) Creio que os versos a que allude o meu illustre critico, vão certos na presente edição.

(1) Verso errado.

Q. dos Santos

A estatuaria, no progressivo desenvolvimento que tem tido nestes ultimos annos, acharia na figura, no perfil de Quirino dos Santos um modelo para transmittir os caracteres physionomicos dos homens privilegiados em talento e aptidões diversas no empenho do bem, da felicidade publica. <

Eu disse que Bittencourt Sampaio é sympathico e não esculpi as faces, as grandes qualidades moraes de todos, nem mencionei as impressões que estes semblantes causam a quem os observa.

Cumpro esse dever.

Pedro Luiz, Belfort Duarte, Salvador de Mendonça, Quirino dos Santos, J. Julio, Nabuco, Macedo Soares Ferreira de Menezes, Guimarães Junior, em bustos, poderiam decorar as salas das Academias, dos Institutos scientificos, das Universidades e Bibliothecas.

Si eu fosse geologo, talvez chegasse a este resultado: —tal solo, tal planta; e si eu fosse ao mesmo tempo

physiologista, diria:—tal cabeça, tal intelligencia; tal physionomia, tal vocação.

Aos poetas assignalou Deus *com* traços característicos que os distinguem.

N'estes rostos ha um continuo agitar das harmonias do espirito; elles são o throno da poesia.

Varella tem em seu rosto o resumo de todos os typos
Ha traços de louco, porque tem os do genio.

Eu previno a objecção.

Podem perguntar: — então o genio é a loucura? Não; tanto mais que um louco póde produzir; isto é, *póde praticar actos de sabedoria, mas um ser racional não deve praticar actos de loucura*; mas a loucura — essa noite da consciencia — é a aberração do juizo, e porque o homem de genio pratica actos extraordinarios, fica superior aos demais viventes, costuma-se dizer: — o homem de genio é louco. E o homem de genio não é o homem de espirito.

Quirino é um talento poetico: é modesto em apparencia. Orgulho na sombra, tufão que se prepara, rio que ha de inundar.

Aquelle perfil de conspirador romano bem inculca a coragem de um espirito energico, de um coração patriotico.

A litteratura tem sido para esta intelligencia uma innocente recreação; hade-lhe ser um constante penar, porque noto-lhe tendencia para esse estudo.

A magestosa serenidade de seu character e a gravidade de seus actos, hão de o elevar.

Estimo-lhe a figura litteraria, porque não é affectada. Tem publicado, nos jornaes do *Ensaio Philosophico*, algumas poesias.

Transcrevo a seguinte :

(Segue-se a poesia — *O Sacy.*)

A vivacidade subtil da intenção do poeta, ainda mais poderosa que a sua imaginação, obriga-me a não ter receio de comprometter-me apresentando Quirino como um talento feliz para composições d'esta ordem.

Si eu pudesse encher o immenso deserto que atravessa a historia das idéas litterarias da Academia, collocaria no bosque mais frondoso a musa circumspecta deste poeta, que tambem é jornalista, e mais tarde, talvez, um correcto orador.

Pessanha Pôvoa.

(Annos Academicos.)

Francisco Quirino dos Santos

Formado em Direito pela Faculdade Juridica de S. Paulo, e natural da mesma provincia.—A sua biographia litteraria até ao tempo em que na dita Faculdade cursava o quarto anno (1862), vem no *Album litterario* do sr. dr. Antonio Manoel dos Reis, pag. 216 a 226. D'ella consta que pertencia como membro effectivo á Sociedade Culto á Sciencia; que occupára differentes cargos no Atheneu Paulistano, e era vice-presidente do Ensaio Philosophico. Que nas *Memorias e Revistas* d'estas associações, publicára diversos artigos em prosa o verso; e que redigiu os jornaes *Lyrio* em 1860, e *Razão* em 1862. Tinha tambem composto um drama *A Filha do Judeu*, já approved pelo Conservatorio dramatico da Còrte, etc.

Posteriormente a época indicada publicou :

2690) *Estrellas Errantes*. S. Paulo, Typ. Imparcial de Joaquim Roberto de Azevedo Marques 1863. 8º gr. de vii-9¼ pag. e mais uma de indice.—São vinte e cinco trechos, ou composições lyricas, que formam o livro 1º das poesias do autor. Promette ahi um 2º livro, que sahirá (diz) quando tiver occasião de cuidar n'elle.

A boa acceitação e acolhimento com que este volume foi recebido da imprensa, deverá ter servido ao illustre poeta de estímulo para a publicação do seguinte, que todavia ignoro se foi ou não impresso, bem como me falta o conhecimento de quaesquer outras producções suas, exceptuada a seguinte que vi, e tenho presente :

2691) *M. Pinheiro Chagas (A Virgem Guaraciaba)*.—
Apreciação critico-litteraria d'este romance, publicada no *Correio Paulistano*, e d'ahi transcripta no *Diario do Rio de Janeiro* ns. 55, 60, 61 de 4, 10 e 12 de Março de 1867.

Francisco Innocencio da Silva.

(Diccionario bibliographico portuguez, vol. 9º, letra F.)

Addenda

Deixam de se incluir aqui outros pareceres mais com que me honrou a critica benevola. E' quasi impossivel descobril-os de prompto no meio dos meus papeis. E tenho pena, porque entre taes escriptos ha alguns que me são de muito apreço, como o do *Conimbricense*, acreditada folha portugueza, o do sr. Luiz C. Guimarães Junior, extensa apreciação publicada na secção litteraria do *Diario do Rio de Janeiro*, etc.

Notas

NOTA—A

Setembro, o terno mez, infumaçado já, pag. 3.

Allude-se áquellas densas camadas de vapor transparente em que se envolve a nossa atmosphera pelos mezes da primavera, naturalmente produsidas pelo fogo das *roças-das* e que dão aquellas tardes cheias de languidez e de encanto, banhando no perfume acre das montanhas o seu immenso véu de escomilha, preso no espaço como por um botão de ouro — o sol.

NOTA—B

Unindo alegre a toada
Co'as danças dos *tangarás*, pag. 28.

Os *tangarás* são dos mais delicados e curiosos passaros das nossas florestas. Unem-se em bandos pelas arvores : um toma o ramo superior e começa a cantar para dois que dançam saltando alegremente e tomando posições que denotam uma regra fixa ; os outros parecem applaudir batendo as azas e acompanhando attentamente a garrulice e o movimento dos bailarinos.

Ignis Soro! pag. 33.

A cidade de Campinas deu um exemplo magnifico de iniciativa popular n um assumpto do maior alcance para a prosperidade das nações. Entre os seus habitantes levantou-se por acções o capital de 70 contos de réis com que foi edificado o elegante palacete destinado á educação da mocidade e sob o nome de *Collegio Culto d Sciencia*, que está funcionando regularmente desde 12 de Janeiro de 1874.

Foram os principaes auxiliares desta idéa os srs. comendador Joaquim Bonifacio do Amaral e Antonio Pompeu de Camargo.

Hymno do Riachuelo, pag. 60.

O combate naval do *Riachuelo* me parece que foi o mais bello feito d'armas que tivemos na guerra do Paraguay, e no qual, entre outros, se immortalison o nome do almirante Barroso, hoje Barão do Amazonas. Estes versos foram escriptos expressamente para serem recitados pelo eminente actor Joaquim Augusto. Lisongea-me hoje a lembrança de, apezar do pouquissimo que são elles como obra d'arte, haverem dado motivo a uma ovação áquelle valente militar no theatro de Nitheroy.

Já no choque da abordagem.

Contra um vaso se erguem tres. pag. 63.

Historico:— tres navios paraguayos involucram, ao mesmo tempo, um dos nossos para abordal-o e foram heroicamente repellidos.

NOTA—F

Um e outro...e outro logo
Encontra, bate, quebrou, pag. 64.

O que decidiu a sorte e deu a victoria n'aquelle desesperado lance em que os nossos eram colhidos de surpresa, foi o caso do commandante da frota, Barroso, mandar fazer do navio *Amazonas* um como ariete que com o esporaõ da prôa abria os vasos do inimigo e dava com elles perdidos.

NOTA—G

Um dia nas margens do claro Atybaia, pag. 75.

O Atybaia é o rio que córta o municipio de Campinas.

NOTA—H

Ai! não que dos pretos as almas não morrem, pag. 76.

E' crença entre muitos pretos africanos, que hão de voltar depois da morte ao seu paiz e viver com a sua gente. Isto tem dado causa a não poucos suicidios de escravos.

NOTA—I

Dois Colombos, pag. 78.

Estes versos foram escriptos n'uma folha do lindissimo album offerecido ao maestro brasileiro A. Carlos Gomes, em a noite de seu beneficio levado a effeito na Côrte, em

1870, com a sua opera *Il Guarany*, tão festejada na Europa e que o sancionou como um vulto predestinado para as glórias dos Rossini e dos Verdi.

NOTA—J

Pudor e amor, pag. 87.

E' uma gymnastica de rimas esta composição, e não tem outro merito além desse. Lendo a poesia *Outr'ora* do sr. A Cunha, apresentada na *Revista Contemporanea* de Portugal e Brazil, vol. 4º, pag. 598, por F. X. de Novaes, a qual tem dez rimas em cada estrophe, tive a ideia de experimentar até onde podia chegar este esforço da fórma para conter o pensamento, e então escrevi essas quadras com quatorze rimas cada uma.

NOTA—K

O Sem-fim lamentoso erguia langue, pag. 117.

O Sem-fim é um passaro assim chamado vulgarmente em rasão do seu piar monotono que pronuncia distinctamente essas duas palavras. No verão, quando, o dia vai mais calmoso e principalmente no correr da noite, não cessa elle de repetir aquelle seu cantar melancholico, isolado entre as moitas, tão solitario, que desperta n'alma uma como sympathia profunda e mysteriosa aquella tristeza do pobre animalzinho.

NOTA—L

O trabalho, pag. 126.

Os meus amigos commendador J. E. de Carvalho Mon-

te-Negro e J. M. d'Almeida Barbosa fundaram uma grande colonia denominada—Nova Colombia. Ahi passamos reunidos—o Carlos Ferreira, aquelles dignos cavalheiros e outras pessoas,—alguns dias de saudosissima convivencia. N'uma noite pediu-nos o sr. Monte-Negro que deixassemos de improviso uma lembrança no album da fazenda. Escrevi essas linhas que valem só como um testemunho de immensa admiração pelo incançavel propugnador do trabalho livre nesta terra.

NOTA—M

Aspiração, pag. 130.

E' a resposta a uma delicada e incomiastica poesia que me dirigiu L. C. Guimarães Junior.

NOTA—N

A morta, pag. 137.

Pobre creança ! Eu pensei que tinha velado a tua serena imagem bem dentro d'alma com o manto extenso da minha saudade ! Um jornalista mais perspicaz do que eu foi descobrir-te no meu seio a fronte emmurhecida pelos roixos vincos da agonia. Um dos illustres redactores da folha *A Provincia de S. Paulo*, afagando a humilde corôa que deixei á cabeceira do teu tumulo, disse isto :

«POESIA—Na respectiva secção, transcrevemos da *Gazeta de Campinas* uma bella composição do nosso distincto collega Quirino dos Santos.

Versos lindissimos pela singelesa, cheios de inspiração

e lagrimas, lembram na intima e saudosa emoção uma pagina dolorosa e real da vida do autor.»

Oh! se eu me senti assim na tua lembrança, é que um raio do teu divino espirito passou por mim tremulo ainda das harmonias do céu, e deixando no meu coração o humido beijo do teu limpido olhar.

NOTA—O

Era alli que, de tarde, as filhas do *aggregado*, pag. 142.

O *aggregado*, como é sabido, no interior do nosso paiz, é o homem que mora de favor pelas fazendas, cultivando as terras que lhe dão, por não ter de seu.

NOTA—P

Caô-póra, pag. 149.

E' uma lenda. Acreditavam os indigenas que habitaram primitivamente a provincia de S. Paulo, na existencia de um monstro, metade bicho, metade homem, a que davam este nome.

Se uma mulher lhe cahia nas mãos (este o assumpto dos versos) gozava-a até o ponto de fazêl-a morrer inani-da. Aquella que o avistasse de longe, estando gravida, podia ter a certeza de ser o filho desgraçado por toda a vida. D'ahi vem o chamar-se *cay-póra* a uma pessoa infeliz.

Caô-póra quer dizer morador do matto. Ainda hoje os nossos sertanejos contam muitas *historias* deste monstro, dando-lhe os appellidos *cacha-póra*, *cay-póra*, etc. Os termos *cocar* e *taba* que se acham na poesia, significam—

o primeiro, grinalda de pennas que usavam os indigenas, e o segunde o aldeamento delles.

NOTA—Q

Sorriso de amor, pag. 174.

Posto em excellente musica pelo sr. J. P. de Sant'Anna Gomes.

Sant'Anna Gomes, irmão de A. C. Gomes, é um bellissimo talento que podia acompanhar de perto ao author do *Salvator Rosa*, se a sua grande modestia e nimio desprezimento da gloria não o afastassem tanto das lides afadigosas. E' pena !

NOTA—R

Remorsos, pag. 176.

A's vezes a mais leve *falta* não nos abala profundamente a consciencia ? E na exageração que a gente faz do *remorso* não está a prova da abundancia dos bons instinctos ?

O poeta, mais que todos, tem direito a que se lhe releve essa exageração.

NOTA—S

A meu irmão J. Quirino do Nascimento, pag. 184.

Já não vive o dr. J. Quirino do Nascimento, aquelle peregrino engenho e excepcional character que passou como um relampago, deixando um traço luminoso pela sua carreira, como a fita de fogo escripta no espaço por um astro cahido das regiões infinitas.

Eu que tive em meus braços aquella cabeça agonisante, esplendida de altas esperanças e despedaçada como a arvore da montanha aos ventos da tempestade; eu que recebi o ultimo suspiro áquella bocca onde poisava o sorriso eterno dos sublimes sentimentos que ennobrecem a alma humana; eu o irmão desolado e abatido por tão grande perda, heide ainda reviver-lhe a memoria algum dia se a sorte me não cortar o ensejo e a vontade.

Dorme, pois, o somno da tua noite infinda, oh martyr dos sonhos d'oiro que ainda te fluctuam na cruz da morte como uma vaga aureola de raios fulgurantes.

NOTA—T

O Sacy, pag. 194.

A lenda do *Sacy* é uma das mais conhecidas e vulgares. Acredita o povo na existencia de uma especie de genio maligno com a figura de um negrinho de barrete vermelho que costuma percorrer os campos assustando aos cavallos e ingalfinhando-se nelles a fazer enormes correrias. Além disso tem lá o seu tanto quanto de casquilho o tal demonio, poisque o seu maior gosto é...beijar donzellas, as quaes depois do osculo, quasi sempre roubado já se sabe, tornam-se tristes, tristes e desfeitas que é lastima vê-las. Vão lá ter amores com o diabo! A' sombra dessa desculpa, quanta *travessura* não fariam por ahí as doidas filhas de Eva. E depois...e depois os versos são um pallido esboço de um desses peccaditos.

Indice

		Pagina	5
	A vida.		
I	O Raio..	»	11
II	Quien no ama no vive.	»	15
III	Horas de luz.	»	17
IV	Menina e moça.	»	23
V	Amor de salvação.	»	26
VI	Ignis Soror !	»	33
VII	Suzanna a Odalisca	»	36
VIII	Nessun maggior dolore !.	»	42
IX	Duas creanças que a tremer se olhavam..	»	43
X	A volta.	»	44
XI	Anjo do inferno ou do céu.	»	47
XII	Hyems.	»	50
XIII	Nunca mais.	»	54
XIV	Canto inaugural.	»	57
XV	Hymno do Riachuelo.	»	60
XVI	Um dia exaurido nas lutas da sorte.	»	66
XVII	Sombras e raios.	»	69
XVIII	O olhar.	»	71
XIX	Ao partir.	»	73
XX	O filho da lavadeira.	»	75
XXI	Dois Colombos.	»	78
XXII	Esperar.	»	84
XXIII	Pudor e amor.	»	87

XXIV	A' Carlos Ferreira.	Pagina	89
XXV	Supplica.	»	91
XXVI	A Louca.	»	96
XXVII	Anhelos.	»	100
XXVIII	Dois tempos.	»	104
XXIX	Duvidas.	»	108
XXX	Sonhos.	»	111
XXXI	Todo y nada.	»	115
XXXII	Noite de estio.	»	116
XXXIII	Quinze annos.	»	119
XXXIV	Poezia...real.	»	122
XXXV	No baile.	»	125
XXXVI	O trabalho.	»	126
XXXVII	Inlevo.	»	127
XXXVIII	Aspiração.	»	130
XXXIX	A ultima luz.	»	136
XL	A morta.	»	137
XLI	No tumulo de uma creança.	»	140
XLII	Renovare	»	141
XLIII	Desalento.	»	144
XLIV	Caó-pora.	»	149
XLV	A uma noiva	»	154
XLVI	Ai ! não quero o teu perdão!	»	158
XLVII	A partida.	»	163
XLVIII	Fascinação.	»	167
XLIX	Murmurio.	»	169
L	O beijo.	»	172
LI	Sorriso de amor.	»	174
LII	Remorsos.	»	176

LIII	A meu irmão J. Quirino do Nascimento.	Pagina 184
LIV	Saudades.	» 187
LV	Sina.	» 189
LVI	Hymno da Loja Independencia.	» 191
LVII	O Sacy.	» 194
LVIII	A' memoria do Libertador.	» 199
LIX	A' esperanza.	» 206
LX	A gloria.	» 207
	Juizo da imprensa.	» 209
	Notas.	» 232

Errata

Na pagina 24, 1ª quadra, 5º verso, onde se lê—*Este pequeno verso*—leia-se—*Este pequenino verso*.

Na pagina 88, 2ª quadra, 1º verso, onde se lê—*Tremes ! ai ! temes que, na infancia, d esta ancia*—leia-se—*Ai tremes ! temes que, na infancia, d esta ancia*.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).